

adf

AFRICA DEFENSE FORUM



TRANSFORMAÇÃO

Exércitos Adaptam-se Para Enfrentar Ameaças Emergentes

PLUS

Uma Conversa Com o General Robert Kibochi,
Chefe das Forças de Defesa do Quênia

VISITE-NOS EM ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

- 8 Educação Leva à Transformação**
Países que investem na formação militar profissional acreditam que a recompensa vale o custo
- 14 'Estar na Linha da Frente'**
General Robert Kibochi fala sobre como as Forças de Defesa do Quênia estão a transformar-se para enfrentar as novas ameaças
- 20 Fuzileiros Navais Prontos Para Enfrentar o Momento**
Infantarias navais adaptam-se às ameaças emergentes com formação e parcerias
- 26 O 'Mais Alto Sacrifício' dos Soldados de Manutenção da Paz é Honrado**
Um capitão chadiano encontra-se entre os 85 africanos que morreram quando serviam em missões da ONU, em 2021
- 28 Obtendo Lucros a Partir da Sua Posição**
Para os exércitos, os interesses empresariais militares trazem receitas, mas muitas vezes degradam a prontidão
- 34 À Sua Própria Imagem**
China exporta o seu modelo de "partido-exército" como uma forma de controlo político
- 40 Embaixadores do Deserto**
Guardas montados em camelos na Mauritânia garantem mais do que apenas segurança
- 44 Bloqueios da Respeitabilidade**
Estruturas e comportamentos podem impedir que as forças de segurança sirvam os seus países com eficácia
- 50 Um Elevado Preço a Pagar**
As ligações do Grupo Wagner podem levar a uma perda de reputação e riquezas



20

40

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

32 Batimento Cardíaco Africano

56 Cultura e Desporto

58 Perspectiva Internacional

60 Defesa e Segurança

62 Caminhos da Esperança

64 Crescimento e Progresso

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online.**

Por favor, visite-nos em
adf-magazine.com



NA CAPA

Este conjunto de imagens ilustra o treino de campo e trabalho de sala de aula necessários para a transformação do sector de segurança.

NO SENTIDO HORÁRIO A PARTIR DO CANTO SUPERIOR ESQUERDO: AFP/GETTY IMAGES, FORÇA AÉREA DOS EUA, FORÇA DE DEFESA DO RUANDA, FORÇA AÉREA DOS EUA

Em todo o mundo, os exércitos estão a transformar-se. Eles estão a actualizar táticas e estratégias para responderem a ameaças assimétricas. Eles estão a abrir novas instituições de formação militar profissional para satisfazer a demanda dos jovens alistados famintos de aprenderem e dos antigos oficiais ansiosos para permanecerem firmes. Os exércitos com maior desempenho estão a deixar as práticas antigas ligadas à corrupção e o preconceito.

Estes esforços estão ligados aos valores fundamentais de serviço, integridade, neutralidade política e um respeito pela ordem constitucional. O processo de viver segundo estes valores pode ser chamado de “transformação do sector de segurança” ou “profissionalismo,” mas tudo isso significa avançar.

Mas, mesmo assim, estes ideais não passaram sem desafios. Alguns países permitem que os membros dos exércitos estejam envolvidos na política e até tomem o poder com recurso à ameaça de arma.

Outros acreditam que os soldados devem ter o direito de tirar vantagem dos cargos. E outros ainda acreditam que as promoções no exército devem ser mais relacionadas com quem se conhece do que o que se alcançou.

Vai depender da próxima geração de líderes civis e profissionais do sector da segurança traçar o caminho para frente e determinar que modelo eles gostariam de seguir. Os exércitos e as forças de segurança dos países africanos lutam para serem vistos como instituições respeitadas e confiadas, mas ganhar e manter esse respeito requer trabalho árduo e uma pré-disposição para reformar quando necessário.

Enquanto os exércitos de África trabalham para alcançar elevados padrões profissionais, eles devem ser igualmente exigentes perante os seus parceiros. Os parceiros bilaterais e multilaterais são essenciais para produzir as estratégias, habilidades e a liderança necessárias para atacar as ameaças do Séc. XXI. Mas as parcerias não são todas criadas de igual maneira. Elas devem ser transparentes para serem autênticas. Devem basear-se em valores partilhados para resistirem. E devem ter um fundamento de respeito mútuo.

Enquanto os exércitos olham para o futuro, devem perguntar a si próprios como os planos e as parcerias que criam hoje estão a preparar o caminho para a paz e a prosperidade de amanhã.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Um soldado das Forças de Defesa do Quênia treina em Isiolo.

SEGUNDO-SARGENTO ALYSIA BLAKE/
EXÉRCITO DOS EUA



Transformação
Volume 15, 4º Trimestre

**COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS**



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

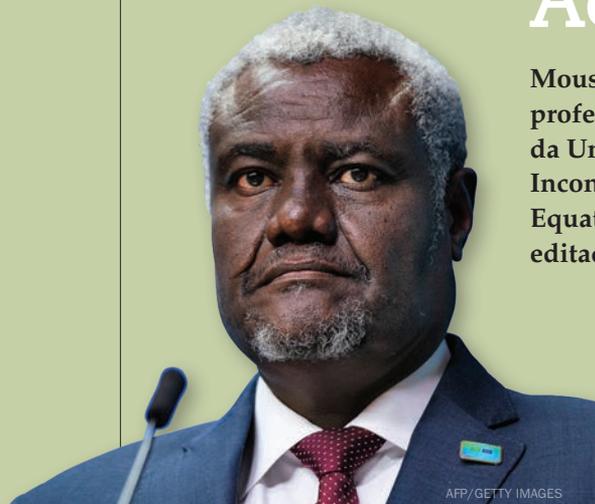
ADF.Editor@ADF-Magazine.com

**HEADQUARTERS
U.S. AFRICA COMMAND**

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieningen Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário. A secretaria de defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para difundir assuntos de natureza pública exigidos por lei ao Departamento de Defesa.

‘Já Não Devemos Aceitar Isso’



Moussa Faki Mahamat, presidente da Comissão da União Africana, proferiu um discurso na 16ª Sessão Extraordinária da Assembleia da União Africana, falando sobre Terrorismo e Mudanças Inconstitucionais do Governo em África, em Malabo, Guiné-Equatorial, no dia 28 de Maio de 2022. Os seus comentários foram editados por questões de espaço e clareza.



Delegados da União Africana reúnem-se em Malabo, Guiné-Equatorial. AFP/GETTY IMAGES



Todos testemunhamos recentemente, com repúdio e preocupação, o ressurgimento de golpes de Estado militares em alguns dos nossos Estados-membros. Estamos, por conseguinte, a testemunhar o reaparecimento de uma prática que acreditávamos que tinha desaparecido para sempre, com o advento de uma nova era, a era promissora da consolidação democrática.

Entre as causas destas mudanças manifestadas pelos golpistas nos últimos meses, encontra-se proeminentemente a incapacidade, de acordo com eles, dos poderes civis democraticamente eleitos de combaterem com eficácia o terrorismo.

A sustentabilidade e a estabilidade das instituições democráticas são uma garantia do desenvolvimento económico e social dos nossos países. Por outro lado, as rupturas extemporâneas dos processos democráticos contínuos constituem um obstáculo no caminho para a emergência do continente.

Está, por conseguinte, a tornar-se urgente refinar a análise das causas deste ressurgimento de usurpações militares do poder de modo a determinar a terapia adequada.

Neste estágio, não podemos passar por cima em silêncio pela questão de atrasos nos processos de transição levados a cabo pelos governos resultantes de golpes de Estado. Os atrasos estão a tornar-se uma

fonte de tensão e de dissensão prejudiciais para a estabilidade dos Estados em causa e dos seus vizinhos.

É importante destacar a necessidade urgente de melhor coordenação das acções da União Africana e as das comunidades económicas regionais para melhor apoiar a rápida restauração da ordem constitucional normal.

Devemos parar de considerar a luta contra o terrorismo como um fenómeno normal que pode ser resolvido através de reuniões, seminários e outros colóquios. Medidas fortes e coordenadas e solidariedade concreta intra-africana consentâneas com o perigo são as condições para a nossa vitória sobre esta gangrena.

De igual maneira, paremos de procurar noutros lugares quando as práticas políticas nos nossos Estados colidem com as regras e princípios virtuosos de governação virtuosa que unanimemente e de forma soberana adoptámos. A soberania e

o princípio de não interferência não devem ter precedência sobre o dever de verdade que temos um para com o outro. É também o momento de apelar para o espírito republicano das forças armadas africanas para que eles evitem fazer qualquer intervenção que venha provavelmente a comprometer as realizações democráticas dos últimos 30 anos no continente.

África é, sem dúvidas, o último continente do mundo a experimentar o terrorismo com tamanha intensidade e onde as mudanças inconstitucionais ainda existem. É inquestionável que estes dois fenómenos estejam a reverter as nossas prioridades de desenvolvimento e a prejudicar a nossa marcha em direcção ao progresso. Já não devemos aceitar isso. Devemos assumir este desafio duplo através de medidas corajosas nos Estados e a níveis regional e continental, para que estes ataques intoleráveis à nossa segurança e estabilidade deixem de existir no continente.



AFP/GETTY IMAGES

'SUPER TELEFONE' OPERADO POR VOZ *Visa Uma Ampla Base de Clientes*

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Na Costa do Marfim, um novo super telefone que utiliza o assistente de voz para responder a comandos em língua local está a abrir oportunidades para alcançar uma grande variedade de consumidores.

Desenvolvido e montado localmente, o telefone foi concebido para fazer com que as tarefas do dia-a-dia sejam mais acessíveis, desde a compreensão de documentos e verificação do saldo bancário até comunicar com agências governamentais.

“Acabei de comprar este telefone para os meus pais lá em casa, na aldeia, que não sabem ler nem escrever,” disse Floride Jogbe, uma jovem que ficou impressionada pelos anúncios nas redes sociais. Ela acredita que os 60.000 Francos CFA (92 dólares) que ela pagou foram bem gastos.

O smartphone utiliza um sistema operativo chamado “Kone,” que é único da empresa Cerco. cobre mais de 60 línguas, incluindo Baoule, Bete e Dioula, que são faladas na Costa do Marfim.

A Cerco espera expandir este número para 1.000 línguas, alcançando metade da população do continente, graças à ajuda da rede de 3.000 voluntários.

O objectivo é acabar com a frustração que algumas pessoas sentem com a tecnologia, disse o Presidente da Cerco, Alain Capo-Chichi, de nacionalidade beninense.

“Várias instituições estabeleceram a prioridade de fazer com que as pessoas sejam educadas antes de fazer com que a tecnologia seja disponível para elas,” disse à Agence France-Presse. “A nossa forma salta a leitura e a escrita e vai directo para a integração da pessoa na vida económica e social.”

Outras empresas que estão a investir no campo da operação por voz em África incluem a Mobobi, que criou um assistente de voz em língua Twi, em Gana, chamado Abena AI. A Mozilla está a trabalhar num assistente em Kiswahili, que possui aproximadamente 100 milhões de falantes na África Oriental.

O telefone costa-marfinense está a ser produzido na ICT e na Aldeia de Biotecnologia, em Grand Bassan, uma zona de comércio livre, próxima da capital costa-marfinense.

Aconteceu através da estreita colaboração com o governo. A empresa não paga impostos nem direitos alfandegários e as fábricas de montagem beneficiaram de um subsídio de mais de 2 bilhões de Francos CFA.

Em troca, a Cerco deverá pagar 3,5% dos seus rendimentos ao Estado e formar cerca de 1.200 jovens anualmente.

Um trabalhador monta telefones para a Cerco, em Grand Bassam, Costa do Marfim.

— Festival de Arte Regressa às — **RUAS DO SENEGAL**

EQUIPA DA ADF

O artista senegalês, Fally Sene Sow, inspirou-se nos dias de depressão da pandemia da COVID-19 para criar uma visão daquilo que o seu bairro um dia pode parecer, em Dakar.

Ele criou um conjunto de edifícios modelo numa sala, cada um com vários estágios de delapidação, cercados por esqueletos e animais grotescos, cobrindo 30 metros quadrados.

Sow, de 34 anos de idade, encontra-se entre os artistas e grupos escolhidos para a 14ª bienal de Dakar, uma das mais antigas celebrações de arte de África. O evento não decorria desde 2020 por causa da pandemia.

“Eu vivo no centro do mercado e, por isso, tenho este teatro diante de mim,” disse Sow à Reuters enquanto colocava os toques finais no seu trabalho.

“É fenomenal,” Ifeoma Dile, um entusiasta de arte de Londres, disse à Reuters falando sobre o trabalho de Sow. “Fiquei com arrepios só de olhar para tudo isso e quanto tempo deve ter levado para ele criar tudo aquilo neste espaço. É espantoso.”

A bienal de 2022 contou com trabalhos de mais de 2.500 artistas provenientes de 85 países. No passado, o festival trouxe cerca de 250.000 visitantes.

Uma parcela ao longo da praia demonstra dois mausoléus em formato de pirâmide. Dezenas de rostos parecem estar a gritar a partir do interior e de fora de muros. Uma linha de sapatos leva para fora a partir de túmulos e em direcção aos limites do penhasco do corniche de Dakar, uma imagem feita pelo artista senegalês, Yakhya Ba, para demonstrar as dificuldades dos migrantes.

A grande escultura do cão amarelo do artista egípcio, Khaled Zaki, foi feita para crianças e para chamar atenção ao problema de caninos perdidos em Dakar.

O festival decorreu numa altura em que decorria uma guerra na Europa entre a Rússia e a Ucrânia. O director artístico, El Hadji Malick Ndiaye, disse à Agência France-Presse que a arte era necessária para encorajar a reflexão em tempos difíceis como estes.

“Quando as armas soam, temos de certificar que a cultura o faz também,” referiu.

Raparigas correm pela instalação de arte durante a 14ª edição da Bienal de Arte Contemporânea Africana do Senegal, em Dakar. REUTERS



AFP/GETTY IMAGES

MANADAS DE ELEFANTES DO **ZIMBABWE CONSTITUEM UMA AMEAÇA CRESCENTE PARA A POPULAÇÃO**

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Hanganani Gideon Dube, de 75 anos de idade, caminha coxeando ligeiramente e o seu discurso tem sido trabalhado desde que ele miraculosamente sobreviveu depois de ser pisoteado por um elefante no noroeste do Zimbabwe.

Ele considera-se sortudo por estar vivo depois do incidente de Maio de 2021, próximo da aldeia Mabale, nos arredores do Parque Nacional Hwange. Os ferimentos deixaram-no incapaz de prover para a sua família de seis pessoas.

Dube estava a cuidar do seu gado quando “de repente encontrei-me cara-a-cara com um elefante.” Ele correu, sem se aperceber que estava a correr directamente para o caminho de um outro elefante. “Não houve tempo para eu fugir do segundo elefante. Este atacou-me rapidamente, e eu desmaiei,” disse.

“Tenho sorte de estar vivo, mas agora estou incapacitado e não posso mais fazer qualquer trabalho físico, incluindo cuidar do meu gado.”

Pelo menos 60 pessoas foram mortas por elefantes no Zimbabwe entre Janeiro e finais de Maio de 2022, em comparação com 72 ao longo do ano de 2021. O sucesso do Zimbabwe na área de conservação aumentou o conflito entre elefantes e seres humanos.

Com cerca de 100.000 elefantes, o Zimbabwe possui a segunda maior população depois do Botswana e cerca de um quarto dos elefantes de toda a África.

Mais de metade dos elefantes vive dentro e fora do parque da vida selvagem, sem vedação, em Hwange.

Os elefantes andam livremente no Zimbabwe, passeando pelas reservas de caça extensas e sem vedação. É comum encontrar manadas a atravessar ou descansar ao longo da auto-estrada principal que parte de Hwange para Victoria Falls.

A população de elefantes no Zimbabwe está a crescer em cerca de 5% por ano, alcançando níveis insustentáveis.

Zimbabwe, Botswana, Namíbia e Zâmbia querem que a Convenção das Nações Unidas de Comércio Internacional de Espécies da Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção, habitualmente designada de CITES, retire a proibição do comércio do marfim.

Os países argumentam que retirar a proibição poderá ajudar a preservar melhor os animais e trazer benefícios económicos às comunidades locais que vivem próximo deles. Os conservacionistas estão preocupados.

“Os nossos métodos de conservação estão a funcionar e eu acredito que em vez de sermos punidos devíamos ser premiados,” Fulton Mangwanya, director da Autoridade de Gestão de Parques de Vida Selvagem do Zimbabwe, disse à Agência France-Presse, numa conferência em Hwange, onde o governo estava em conversações sobre a legalização do comércio de marfim.



Educação Leva À **TRANSFORMAÇÃO**

Países que investem na formação militar profissional acreditam que a recompensa vale o custo





Oficiais sênior de Ruanda e 11 outros países graduam-se do Curso de Comandos Seniores e Estado-Maior na Escola de Comandos e Estado-Maior da Força de Defesa do Ruanda.

FORÇA DE DEFESA DO RUANDA

EQUIPA DA ADF

Os países que investem na formação militar profissional possuem poucas dúvidas sobre o seu valor.

“A recompensa que vemos na etapa final é fenomenal,” Major-General Tracy King disse sobre os esforços do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, de expandir a formação de oficiais não comissionados. “Está a trazer recompensas em grande escala.”

Os proponentes afirmam que a formação militar profissional, ou FMP, ajuda a força de combate a incorporar os mais elevados valores de uma nação. Promove a coesão, ensina uma visão estratégica ampla e oferece aos estudantes uma compreensão sobre o que significa servir. Se os cursos de formação básicos e técnicos ensinam a um soldado “o que pensar,” os FMP ensinam ao soldado “como pensar.”

Também se encontra em demanda. O grupo de jovens oficiais ambiciosos e versados na tecnologia e de homens e mulheres alistados nas forças armadas de hoje afirma que o acesso à formação é o que os motiva a juntar-se ao exército e os compele a permanecerem para a carreira completa. Oferece-lhes acesso a habilidades de liderança, pensamento

crítico e conceitos de guerra que precisam para liderar tropas no campo de batalha. Também preenche os seus currículos com habilidades comerciais para as suas carreiras pós-exército.

Contudo, existem barreiras. Existe uma falta de capacidade doméstica em África, significando que muitos estudantes são obrigados a desistir da formação ou concorrer para oportunidades ilimitadas fora do país. Favoritismo, preconceito e indisposição para abraçar uma nova doutrina e tecnologia podem deixar os estudantes frustrados e sem preparação.

As instituições de FMP africanas devem adaptar-se ou perecer, afirmam os especialistas.

“Existem vários desafios que as instituições de ensino superior militares enfrentam, incluindo a politização do recrutamento de estudantes, retenção e manutenção de pessoal de qualidade, melhoria dos currículos para garantir que, para além de disciplinas militares fundamentais, exista uma introdução mais ampla para as sociedades nas quais eles estejam localizados; e melhorar e explicar as relações civis-militares como um processo dinâmico e em constante mudança,” Dr. Kwesi Aning, director da faculdade de assuntos académicos e de pesquisa, do Centro Internacional de Treinamento em Manutenção da Paz Kofi Annan de Gana, disse ao University World News.

Ministro da Defesa do Ruanda, Major-General Albert Murasira, entrega um prémio a um oficial sênior indicando a graduação no Curso de Comando e Estado-Maior que teve a duração de um ano.

FORÇA DE DEFESA DO RUANDA

Existem também visões concorrentes para o futuro dos exércitos africanos. Alguns propõem um modelo que liga o exército de forma muito próxima com o partido político no poder. Outros propõem um modelo do exército em que a especulação e o envolvimento em negócios privados é prática comum dos soldados. Esses modelos, na essência, levaram ao fracasso e à corrupção. Os modelos mais bem-sucedidos, conforme tem sido visto em países como Botswana, Gana e Senegal, exigem que o exército permaneça apolítico e siga padrões rigorosos de

profissionalismo. De modo que os países possam mapear o seu próprio futuro, devem criar instituições de ensino superior que reflectam esses valores.

“A solução a longo prazo para muitos exércitos africanos é que desenvolvam as suas próprias instituições de FMP e moldadas na rica cultura e história dos seus países e forças armadas,” Tenente-Coronel Jahara Matisek, director de pesquisa e desenvolvimento, no Centro de Estratégia e Guerra da Academia da Força Aérea dos EUA, disse ao University World News.

Categorias de Instituições de FMP, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África

TIPO DE ESCOLA*	OBJECTIVOS EDUCACIONAIS
Colégio de Guerra e Defesa	Desenvolver líderes seniores (geralmente coronéis e generais) para servirem em afectações de segurança nacional de alto nível. Os Colégios de Guerra e Defesa têm em vista fornecer aos graduados uma perspectiva estratégica dos desafios de segurança nacionais e regionais, possibilitando-os que forneçam orientação estratégica bem-concebida para decisores civis e militares. Os Colégios de Guerra e Defesa desenvolvem uma coorte de profissionais civis e militares para desenvolverem e implementarem uma estratégia de segurança nacional.
Escola de Comando e de Estado-Maior	Fornecer oportunidades educacionais a meio de carreira para capitães, majores e tenentes-coronéis a fim de fortalecer as suas habilidades de liderança, compreensão ética, habilidades analíticas e de comunicação e uma compreensão de questões operacionais. Os graduados da Escola de Comando e de Estado-Maior irão assumir funções de comando de pessoal em organizações de serviço, conjuntas, interagência, internacionais e multinacionais.
Academia Militar	Ministrar o nível de licenciatura a jovens cadetes promissores para prepará-los para um percurso profissional como um oficial sénior. As academias militares fornecem fundações educacionais avançadas e incute valores de relações civis-militares, profissionalismo militar, disciplina e liderança. Os graduados tornam-se oficiais comissionados, geralmente como um segundo-tenente ou equivalente.

*Não inclui outros cursos de FMP técnicos, funcionais ou de manutenção da paz

Formação Satisfaz a Demanda de Jovens Profissionais de Segurança

EQUIPA DA ADF

O acesso ao ensino superior é uma força motivadora que leva muitos jovens recrutas a juntarem-se ao exército. Um inquérito de 2019, do Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS), concluiu que 41% dos jovens militares entram no exército com pelo menos o grau de bacharelato. Isso são 11 pontos percentuais acima em comparação com os militares mais velhos.

Esses jovens recrutas educados querem continuar a aprender e estão motivados para alcançar níveis mais elevados. “Os jovens recrutas de hoje parecem ter mais habilidades e mais opções de emprego, mas, mesmo assim, estão livres para escolher juntar-se ao sector de segurança como um meio de serviço e uma carreira,” disseram os autores do inquérito.

A motivação para continuar a sua formação está intimamente ligada a uma motivação para servir, com 65% dos mais novos profissionais de segurança que citam o valor de “servir o país” como um factor motivador para se juntarem. Este idealismo foi maior entre as cortes mais jovens de profissionais de segurança africanos.

Os militares têm fome de uma diversidade de oportunidades de

formação e de treinos. Cerca de 97% dos inquiridos teve um ponto de vista positivo quanto à formação internacional. Em entrevistas individuais com o ACSS, os profissionais de segurança citaram:

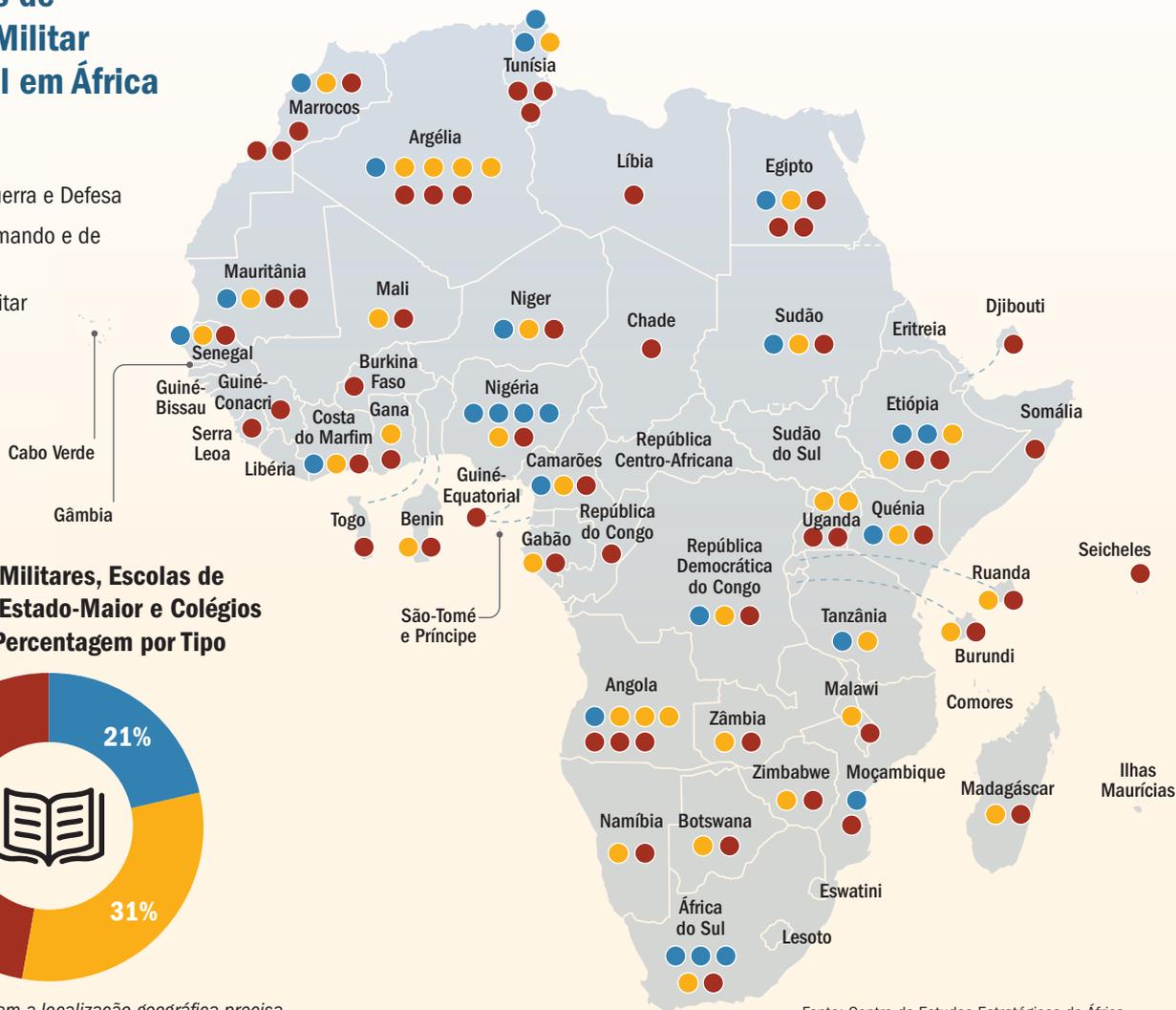
- A oportunidade de aumentar as experiências intelectuais e interligações, incluindo o acesso aos mais recente conhecimentos e tendências.
- A possibilidade de criar relações duradouras e exposição a novas ideias, valores, pensamento crítico e tendências do momento.
- Exposição a líderes seniores que demonstram uma forte liderança moral e visão.
- Ganhar uma compreensão mais profunda dos membros do corpo de oficiais de diferentes proveniências.
- Partilhar padrões, visões, normas e valores com parceiros internacionais.
- Criar perspectivas regionais e globais sobre os desafios de segurança e meios alternativos para abordar esses desafios.
- Ganhar exposição a novas tecnologias.

Depende de os líderes do sector de segurança de África satisfazer às expectativas desses jovens soldados, oferecendo maior acesso à FMP. A formação ao longo de toda a carreira pode ajudar a aproveitar a sua energia e inovação para encontrar soluções para os desafios de segurança do futuro.

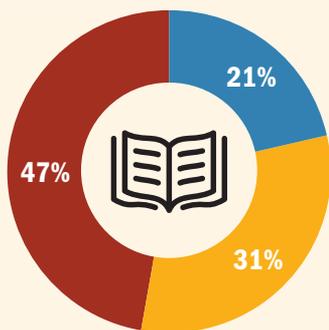
Instituições de Formação Militar Profissional em África

Legenda*

- Colégio de Guerra e Defesa
- Escola de Comando e de Estado-Maior
- Academia Militar



Academias Militares, Escolas de Comando e de Estado-Maior e Colégios de Guerra, Percentagem por Tipo



*Os símbolos não indicam a localização geográfica precisa.

Fonte: Centro de Estudos Estratégicos de África



Cadetes do Djibouti, na Academia Militar Conjunta de Arta, participam numa sessão de informação.

SEGUNDO-SARGENTO CARLIN LESLIE/FORÇA AÉREA DOS EUA

Colocar o ‘Passeio do Estado-Maior’ na História

EQUIPA DA ADF

Uma abordagem que alguns colégios militares assumiram é chamada de “passeio de Estado-maior,” em que uma batalha histórica ou acampamento é estudado meticulosamente. Mas, em vez de apenas ser uma aula de história, os estudantes são instruídos para pensar de forma crítica sobre o que eles aprenderam e para tirarem as suas próprias conclusões.

Um estudo de 2021 do programa passeio do Estado-maior, do Colégio Nacional de Guerra da África do Sul, da Universidade de Pretória, os pesquisadores James Jacobs e Johan Wassermann disseram que o passeio inclui:

- Um estudo prévio detalhado das evidências históricas relacionadas.
- Uma visita de campo para a campanha ou local de batalha a fim de colocar as evidências históricas estudadas num contexto geoespacial.
- Aplicação das lições aprendidas sobre a campanha militar ou batalha de uma forma prática.

O objectivo do passeio do Estado-maior, comunicaram os autores, é oferecer aos estudantes militares uma “experiência de aprendizagem profunda” em que pensam por si próprios, desenvolvem a sua própria compreensão de questões complexas e “criar o hábito de pensar de forma crítica.”

Depois de estudarem o programa passeio do Estado-maior do colégio sul-africano, os autores concluíram que nem todos os estudantes são criados de forma igual e alguns nunca fazem a transição bem-sucedida de uma a aprendizagem da sala de aulas para a real aprendizagem profunda. Mas, afirmam eles, o programa, em termos gerais, foi um sucesso.

“O passeio do Estado-maior como processo de aprendizagem representa um grande salto no ensino, em contraste com o método tradicional de aprendizagem sentando nas salas de aulas e ouvindo durante horas a aulas sem fim,” escreveram os autores. “A essência de aprendizagem profunda é questionar continuamente a veracidade do conhecimento existente.”



Estudantes da Escola de Comando e de Estado-Maior das Forças Armadas da Nigéria participam num curso de formação de operações de apoio à paz no Centro Internacional de Liderança e Manutenção de Paz Martin Luther Agwai, em Jaji, Nigéria.

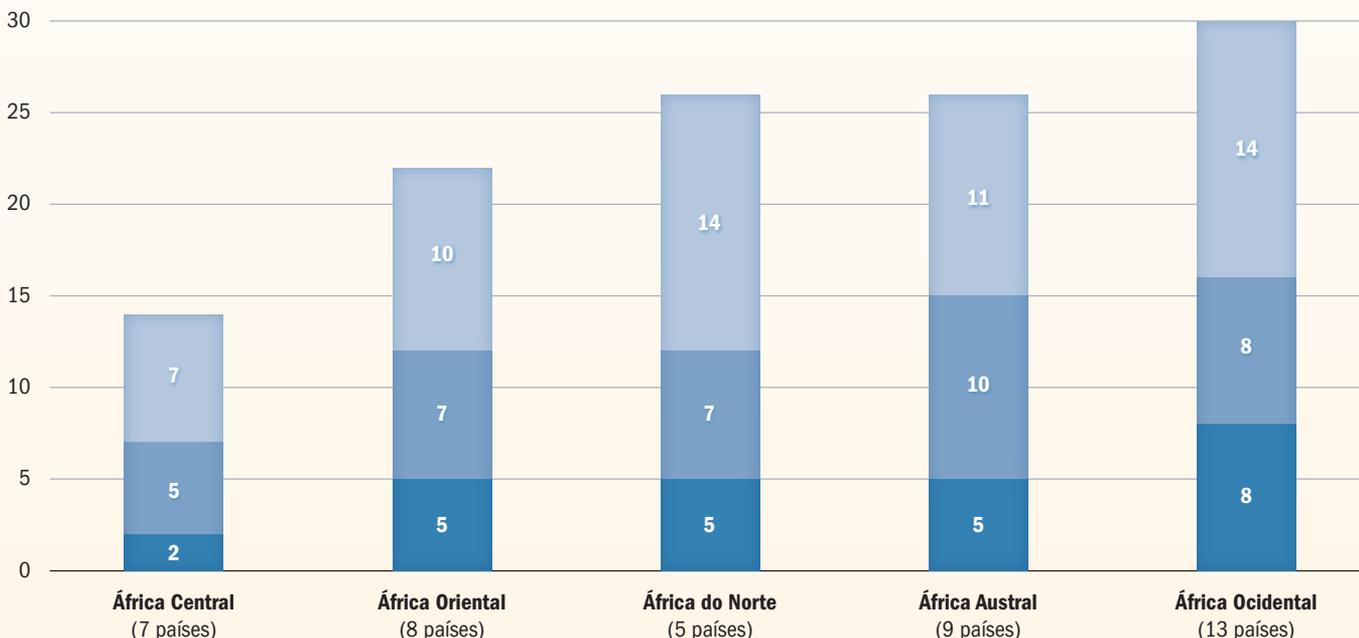
CENTRO INTERNACIONAL DE LIDERANÇA E MANUTENÇÃO DE PAZ MARTIN LUTHER AGWAI

Instituições de Formação Militar Profissional em África

Número de Academias Militares, Escolas de Comando e de Estado-Maior e Colégios de Guerra por Região

Legenda

- Academia Militar
- Escola de Comando e de Estado-Maior
- Colégio de Guerra e Defesa



Fonte: Centro de Estudos Estratégicos de África

Graduados ficam em pé durante a Cerimônia de Graduação Conjunta na Escola de Comando e de Estado-Maior das Forças Armadas do Gana, no quartel de Otu, em Acra.

GABINETE DO VICE-PRESIDENTE
MAHAMUDU BAWUMIA



Ensinar a Guerra — e a Paz

EQUIPA DA ADF

O curso de mestrado em ciências de Defesa e Políticas Internacionais da Escola de Comandos e de Estado-Maior das Forças Armadas do Gana conta com um currículo eclético e um corpo diversificado de estudantes das instituições militares modernas.

As Forças Armadas do Gana (GAF) criaram a escola em 1963 para oficiais das GAF e oficiais africanos aliados em responsabilidades de comando e de Estado-Maior.

O curso de mestrado está aberto para participantes de todo o mundo. Os participantes-alvo vão para além de militares activos e reformados e incluem diplomatas, funcionários públicos,

membros do parlamento e do judiciário e membros de agências de segurança e de inteligência.

Os candidatos devem ter o grau de licenciatura de um instituto superior ou universidade reconhecida e devem ter entendimento e compreensão básica de inglês. Embora o curso esteja aberto para homens e mulheres, nos últimos anos, as mulheres têm sido encorajadas a inscreverem-se.

As disciplinas obrigatórias incluem teorias e conceitos de defesa e segurança; métodos de pesquisa em defesa e política internacional; diplomacia; política africana e economia política; e leis internacionais, direitos humanos e conflitos em África. As disciplinas opcionais incluem operações de paz, terrorismo e combate ao terrorismo, regionalismo e integração, sistemas de alerta antecipado, reconstrução pós-conflito e desenvolvimento em África.



General Robert Kibochi, chefe das
forças de defesa FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA

‘ESTAR NA LINHA da Frente’

GENERAL ROBERT KIBOCHI FALA SOBRE COMO AS FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA ESTÃO A TRANSFORMAR-SE PARA ENFRENTAR AS NOVAS AMEAÇAS

Durante mais de 40 anos no exército, o General Robert Kibochi, esteve em posições de comando como vice-chefe das Forças de Defesa do Quênia (KDF), comandante do Exército do Quênia e vice-chefe de operações, planificações, doutrina e formação no Quartel-General da Defesa. Ele comandou o contingente queniano da Missão da ONU na Serra Leoa, de 2000 a 2001, e foi atribuído a ordem de Ancião da Ordem de Coração Dourado e Chefe da Ordem de Espada Flamejante pela sua liderança. Em 2020, foi nomeado chefe das forças de defesa (CDF) e em 2022 tornou-se o primeiro CDF em exercício a concluir o seu doutoramento. Ele falou com a ADF a partir de Nairobi. Esta entrevista foi editada por questões de espaço e clareza.

ADF: Pode partilhar um pouco sobre a sua infância e o que o levou a juntar-se ao exército?

Kibochi: Eu venho de uma família muito humilde. Nasci próximo da região do Vale do Rift, na parte ocidental do país. Cresci assim como qualquer outra criança rural, cuidando do gado e caminhando para a escola. No Quênia, passa-se por um ensino primário, com duração de sete anos, depois segue-se para a escola secundária. Acabei por entrar numa escola secundária que tinha sido construída pelos britânicos durante os dias do colonialismo num quartel de infantaria. O tempo nesta instituição, que está mesmo dentro do acantonamento, moldou a maior parte de nós, não apenas a mim. Aqueles que estavam ali foram moldados para serem oficiais e alguns tornaram-se militares primeiramente por causa da socialização daquele ambiente onde você cruza com estes jovens de uniforme e os admira. Então, juntei-me às KDF em 1979 como um cadete e fui treinado e comissionado como um segundo-tenente em 1980.

ADF: Ao longo da sua carreira obteve uma licenciatura, dois mestrados e recentemente concluiu o seu doutoramento em paz e gestão de conflitos. Por que razão a formação é tão importante para si?



Soldados quenianos marcham num desfile do dia de Madaraka, em Uhuru Gardens, em Nairobi. AFP/GETTY IMAGES

“Uma das coisas que a educação faz é capacitar alguém para ver as conexões e as ligações em falta que outras pessoas não vêem.” – General Robert Kibochi

Kibochi: Quando crescíamos naqueles dias, no ambiente rural e em situações ténues, a educação tornou-se a única forma de podermos sair do ambiente em que vivíamos. Alguns de nós possuem uma forte crença de que existe uma natureza transformadora na educação. Penso que, desde o início, dediquei uma grande paixão para ganhar conhecimento e ser curioso. Desde essa altura em diante, tive um bom desempenho até ao ponto em que me juntei ao exército. Tive a curiosidade de querer conhecer mais e também ficar na linha da frente, que eu penso que é muito importante num mundo competitivo.

ADF: De que modo a sua educação na sala de aulas foi valiosa para a sua vida profissional?

Kibochi: Uma das coisas que a educação faz é capacitar alguém para ver as conexões e as ligações em falta que as outras pessoas não vêem. Penso que, ao longo dos meus estudos, houve aspectos que me permitiram concentrar-me de forma eficaz em várias áreas. Penso

que a educação nos dá a coragem, a confiança, para sermos capazes de enfrentar as inquirições que vêm dos líderes. Também penso que a educação é de vital importância, especialmente para os líderes seniores, por ajuda-nos a sermos capazes de compreender as coisas. Sou o conselheiro principal do comandante-em-chefe no Conselho de Segurança Nacional, por isso, preciso de ser capaz de compreender o âmbito das questões, e a educação faz exactamente isso.

ADF: Em Agosto de 2022, o país inaugurou o complexo da Universidade Nacional de Defesa do Quênia (NDU-K), em Lanet, Condado de Nakuru. O que esta instituição pioneira de ensino irá oferecer?

Kibochi: A questão à volta da criação da Universidade Nacional de Defesa do Quênia foi uma abordagem muito progressiva, começando pelos meus predecessores. O Colégio de Defesa Nacional foi criado 25 anos atrás e, antes disso, houve a criação do Colégio de Pessoal de Defesa há cerca de 40 anos. Nós

fomos o primeiro país na região a criar estas instituições. Esta progressão foi informada por uma questão fundamental: o pensamento de que as habilidades humanas nas Forças de Defesa do Quênia são uma componente de vital importância para garantir que a força continue relevante para se apresentar perante as dinâmicas de um ambiente muito complexo e em constante mudança.

Houve várias instituições que foram criadas ao longo dos anos, incluindo o Colégio de Pessoal de Defesa, o Colégio Nacional de Defesa, o Colégio Técnico das Forças de Defesa, o Colégio de Defesa de Ciências de Saúde e também o Centro de Treinamento Internacional de Apoio à Paz. Portanto, esta NDU-K é uma culminação ou uma progressão que é de extrema importância. É informada pela necessidade de sermos capazes de ter uma força relevante, uma força que estará à frente de várias dinâmicas que estão a ocorrer em todos os domínios da guerra, incluindo agora o quinto domínio, que está a ficar claro que é o domínio cibernético.

A NDU-K não é apenas uma força multiplicadora em termos de criação de conhecimento, também é um

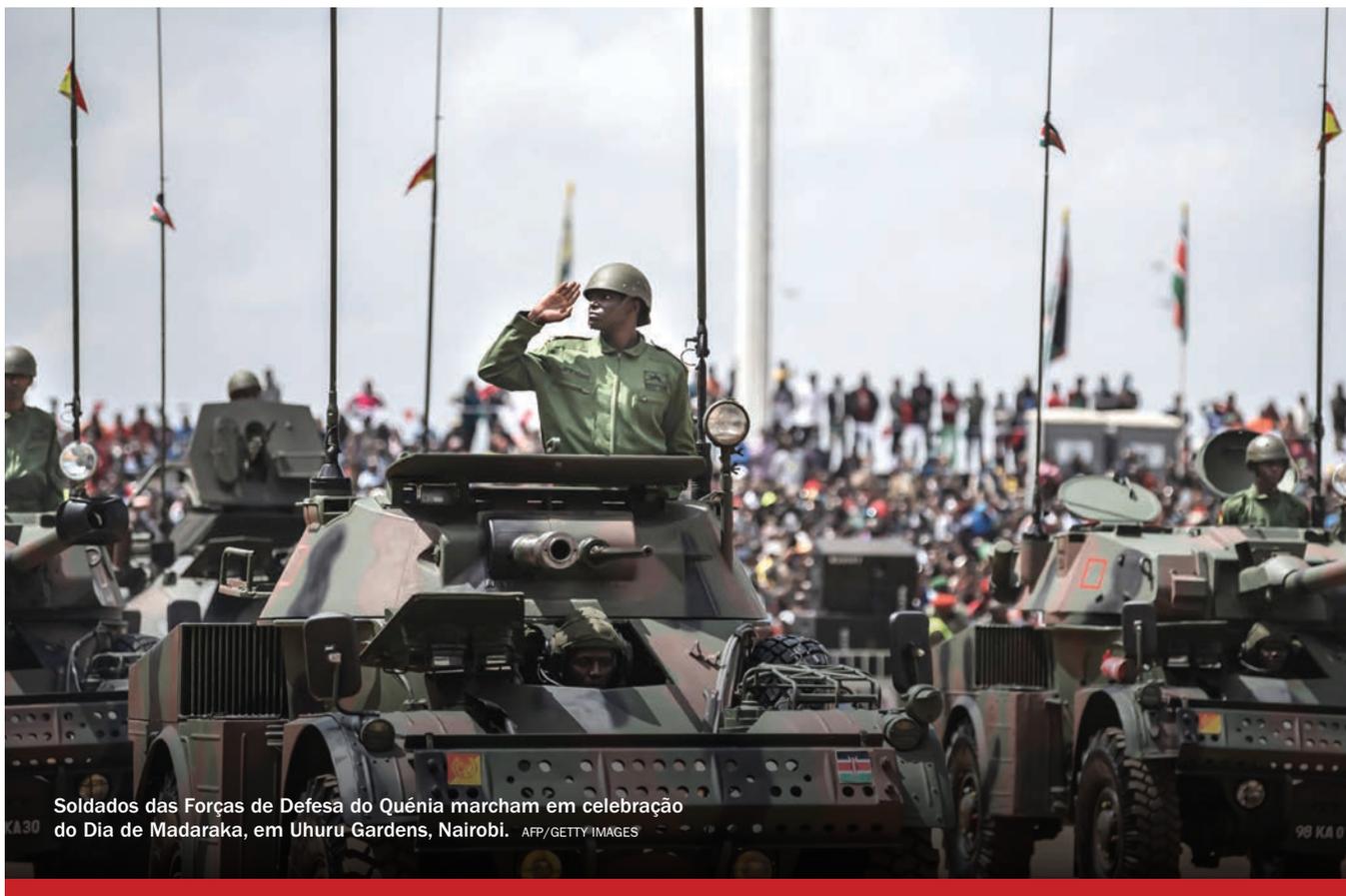
local de inquirição, onde as pessoas são capazes de fazer pesquisas no mais alto nível. Dentro da NDU-K, temos um centro de estudos estratégicos, um grupo de reflexão e pesquisa que os EUA estão a ajudar a desenvolver aqui, em Nairobi. Isso, na minha opinião, é muito importante por causa da multiplicidade de ameaças que temos de enfrentar, sejam elas ameaças transnacionais, estejam relacionadas com a pirataria, terrorismo e também com as pandemias. Esta instituição é uma peça fundamental.

ADF: Olhando pelo continente, por que acha que é importante que os países africanos expandam o acesso doméstico ao ensino militar profissional?

Kibochi: É importante que o exército mantenha os valores fundamentais de profissionalismo, lealdade política e subserviência às autoridades civis. Para fazer isso, a bolsa de estudo militar é indispensável para o desenvolvimento de uma cultura militar que proteja a constituição e orienta a prontidão para a missão de modo a tornar-se uma força confiável e capaz. Este tem sido um grande desafio em muitos países africanos.



Kibochi discursa perante as tropas das KDF, que servem na Missão da União Africana na Somália, em 2020. FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA



Soldados das Forças de Defesa do Quênia marcham em celebração do Dia de Madaraka, em Uhuru Gardens, Nairobi. AFP/GETTY IMAGES

Sendo assim, encontramos-nos como um exportador de conhecimento no continente. Temos o orgulho do facto de que a maior parte dos países vizinhos da Comunidade da África Oriental tiveram oportunidade de aprender de nós. Este tem sido um dos principais divisores de água na forma como os países estão a desenvolver-se e a democratizar-se.

A formação militar profissional é uma peça fundamental e estou confiante de que os países que visitaram e levaram a sério a questão viram o quão ela é importante.

ADF: Nos últimos anos, as KDF assumiram algumas tarefas não tradicionais a pedido do presidente. Estas incluem assumir as operações da Comissão de Carne do Quênia, trabalhar para melhorar o sistema ferroviário entre Longonot e Butere e reabilitar o Porto de Kisumu. Como olha para o papel do exército nestas tarefas tradicionalmente civis?

Kibochi: Tem a ver realmente com o papel da instituição da defesa em apoiar e cooperar com as agências governamentais. Isso, no nosso caso, está muito bem plasmado na Constituição. Fornece-nos um mandato para proteger e defender a soberania e integridade territorial do país como uma tarefa primária. Depois vai para além disso e diz que devemos cooperar e ajudar as outras instituições do governo em tempos

de emergência, desastres e em áreas onde temos competências.

É aparente que o comandante-em-chefe, que é responsável pelo instrumento militar, quando ele compreende que têm competências que podem ajudar a mitigar as dificuldades que aconteceram no país, ele usa este instrumento.

Há pouco tempo, visitei uma das fábricas da Comissão de Carne do Quênia, em Mombaça. O que está a acontecer lá tem um grande impacto, porque alcança o agricultor que é criador de animais e apenas depende do gado ou de cabritos. Eles não têm outro lugar em termos de mercados para vender esses produtos. Esta instituição criou um mercado para aqueles que não são capazes de tê-los. Também criou um produto que nós, no sector de segurança, devemos ter. Precisamos de carne de conserva para as nossas tropas quando estão a treinar. Antes comprávamos no Brasil e outros países, agora é produzida localmente. É importante olhar para isso numa perspectiva de que o instrumento militar existe para servir o país em várias dimensões: ao proteger o país de ameaças à segurança e também em termos de envolvimento em cooperação civil-militar, sabendo muito bem que os impostos dos cidadãos é que sustentam o instrumento de poder do exército. Se temos capacidades que podem ajudar a levar a cabo estas tarefas, temos uma forte crença de que devemos estar envolvidos. E sob um ponto de vista

mais amplo, a população do Quênia gostou disso. Ela encoraja-nos a fazermos mais. Mas nós temos de criar um equilíbrio e recordar que a nossa responsabilidade primária é garantir a segurança do país.

ADF: Outra transformação durante o seu tempo de liderança das KDF foi o foco no combate ao terrorismo. Isso incluiu uma quantidade significativa de dinheiro e recursos investidos no Corpo de Inteligência Militar. De que forma pode indicar que as KDF mudem e respondam para enfrentar a ameaça?

Kibochi: O combate ao terrorismo e o combate ao extremismo violento tornaram-se algumas das principais preocupações de países como o Quênia, particularmente por causa da nossa proximidade com o epicentro de grupos violentos como o al-Shabaab. E também vimos este extremismo violento a expandir-se de uma forma séria — descendo até Moçambique — o que anteriormente não era o caso.

Como nós nos envolvemos nas operações de combate ao terrorismo há 10 anos, aprendemos lições de uma forma muito dura. Uma das áreas em que tivemos de fortalecer e reforçar é o campo da inteligência, porque o terrorismo e o extremismo violento apenas podem ser combatidos se tivermos inteligência. Lida-se com um inimigo sem rosto, que é capaz de integrar-se ou infiltrar-se no seio da população, disfarçar-se de muitas formas e causar muita confusão. Eles fizeram isso na Universidade de Garissa e em supermercados aqui no Quênia. O investimento na inteligência foi tremendo e estamos confiantes de que está a trazer recompensa. Somos capazes de antecipar muitos dos ataques que são planificados. Para além disso, cooperar com outras agências, incluindo os nossos parceiros das forças armadas dos EUA que estão na região, também trouxe grandes recompensas. Trouxe-nos lições de que não podemos lutar contra o terrorismo na postura que tínhamos no passado. Essa postura foi definida por uma doutrina que dizia que lutaríamos uma guerra entre países. Tivemos de introduzir forças especializadas, equipas pequenas que podem viver dentro das áreas operacionais, resistir dias longos e ser capazes de enfrentar as dificuldades do terreno. Também reforçámos a formação e a educação, mudando a doutrina e garantindo que treinamos e equipamos as tropas com equipamento relevante e para lidar com estas ameaças. Será que traz resultados? Sem dúvidas. Continuamos a fortalecer estas capacidades assim como a trabalhar estreitamente ligados aos nossos parceiros.

ADF: De que modo vê as KDF a transformarem-se no futuro para enfrentar as ameaças emergentes do Séc. XXI?

Kibochi: Um dos principais desafios é de que a situação de segurança será mais complexa à medida



Presidente William Ruto, à esquerda, e Kibochi participam nas celebrações do Dia de Mashujaa, no dia 20 de Outubro de 2022, no Uhuru Gardens, em Nairobi. O feriado nacional é uma homenagem aos heróis da luta de independência do Quênia.

FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA

que avançamos. O meu ponto de vista sempre foi de que devemos melhorar a escala da nossa formação e devemos tirar vantagem da tecnologia, porque os recursos que obtemos do governo são finitos. Não estão a aumentar. São prioridades concorrentes dentro do governo. Por conseguinte, devemos perguntar como nós próprios, como uma instituição, podemos desenvolver capacidades?

Uma das áreas que temos estado a abordar é perguntar “Como podemos melhorar a nossa capacidade de industrialização militar?,” o que é muito importante e esteve latente por muito tempo. Temos de ser capazes de desenvolver alguns sistemas localmente sem ter de depender por completo de importações. Temos uma população muito jovem neste país. Os que estão a juntar-se às KDF são jovens brilhantes. Temos de garantir que fornecemos oportunidades e um ambiente para que eles possam explorar o seu potencial no desenvolvimento de soluções e aplicar essas soluções. Procurei criar um ambiente em que os jovens especialistas em TI possam criar um centro para explorar a sua inteligência e modernizar alguns dos antigos equipamentos de legado que temos. Vi uma grande melhoria na forma como eles têm estado a transformar sistemas analógicos antigos em sistemas digitalizados. Isso significa que, cumulativamente, estamos a reduzir a dependência de recursos externos. E, se isso puder acontecer em várias dimensões, então, significa que seremos capazes de ver umas KDF mais prontas, bem equipadas e preparadas para enfrentar os desafios do futuro. □

FUZILEIROS NAVAIS

PRONTOS PARA ENFRENTAR O

MOMENTO

INFANTARIAS NAVAIS ADAPTAM-SE ÀS AMEAÇAS EMERGENTES COM FORMAÇÃO E PARCERIAS

EQUIPA DA ADF

As ameaças nas vias navegáveis dos litorais de África multiplicam-se nos últimos anos. Contrabando, pirataria e roubo de petróleo ocorrem conjuntamente nas águas superficiais que partem do oceano para o interior do continente. Essas ameaças não podem ser paralisadas através de grandes embarcações navais da economia azul.

Como resposta, as marinhas estão a evoluir. Elas estão a investir tempo e dinheiro em unidades de infantaria ágeis e adaptáveis. Estas unidades altamente treinadas assumem nomes diferentes: no Senegal, são os comandos marinhos; na Nigéria, são os Serviços de Barco Especial, e, em Angola, são os Fuzileiros. Foram concebidas para serem flexíveis, capazes de proteger as infra-estruturas de energia ao largo da costa ou perseguir traficantes nos pantanais dos mangais.

A velocidade, dizem eles, é o seu cartão-de-visita. O elemento surpresa, treinos rigorosos e um sentimento de propósito ajudam-nos a obter resultados.

“Estes são os princípios que possibilitam que uma entidade pequena realize ataques que, tradicionalmente, deviam ser realizados por entidades maiores – por vezes, de tamanho três vezes maior – e alcançar resultados,” disse o Tenente Comandante Seth Dzakpasu, comandante do Esquadrão do Barco Especial do Gana.

Com muitos países a procurarem alcançar o crescimento da sua economia azul — o comércio ligado aos oceanos e às vias fluviais — os proponentes acreditam que a infantaria naval deve desempenhar um papel na sua protecção. Podem fazer isso abraçando novos modelos de treinos, novas tecnologias e novas parcerias.

“É altura de investir na infantaria naval,” disse o Contra-Almirante da Marinha Senegalesa (Reformado), Samba Fall, um dos primeiros membros da unidade de comandos dos fuzileiros navais daquele país, que remonta ao ano de 1980. “Em muitos países africanos, as zonas ribeirinhas e as zonas de superfície marítima são maiores do que a sua zona continental. As novas ameaças estão a explorar este espaço marítimo e fluvial. Por isso, nós precisamos de expandir em termos de números e abraçar as novas tecnologias.”



Um membro do Esquadrão do Barco Especial do Gana procura por um determinado alvo antes de um exercício de treino, durante o Obangame Express 2022. SUBOFICIAL DE 2ª CLASSE JACOB VERNIER/MARINHA DOS EUA

CRIADOS PARA PREENCHER UMA LACUNA

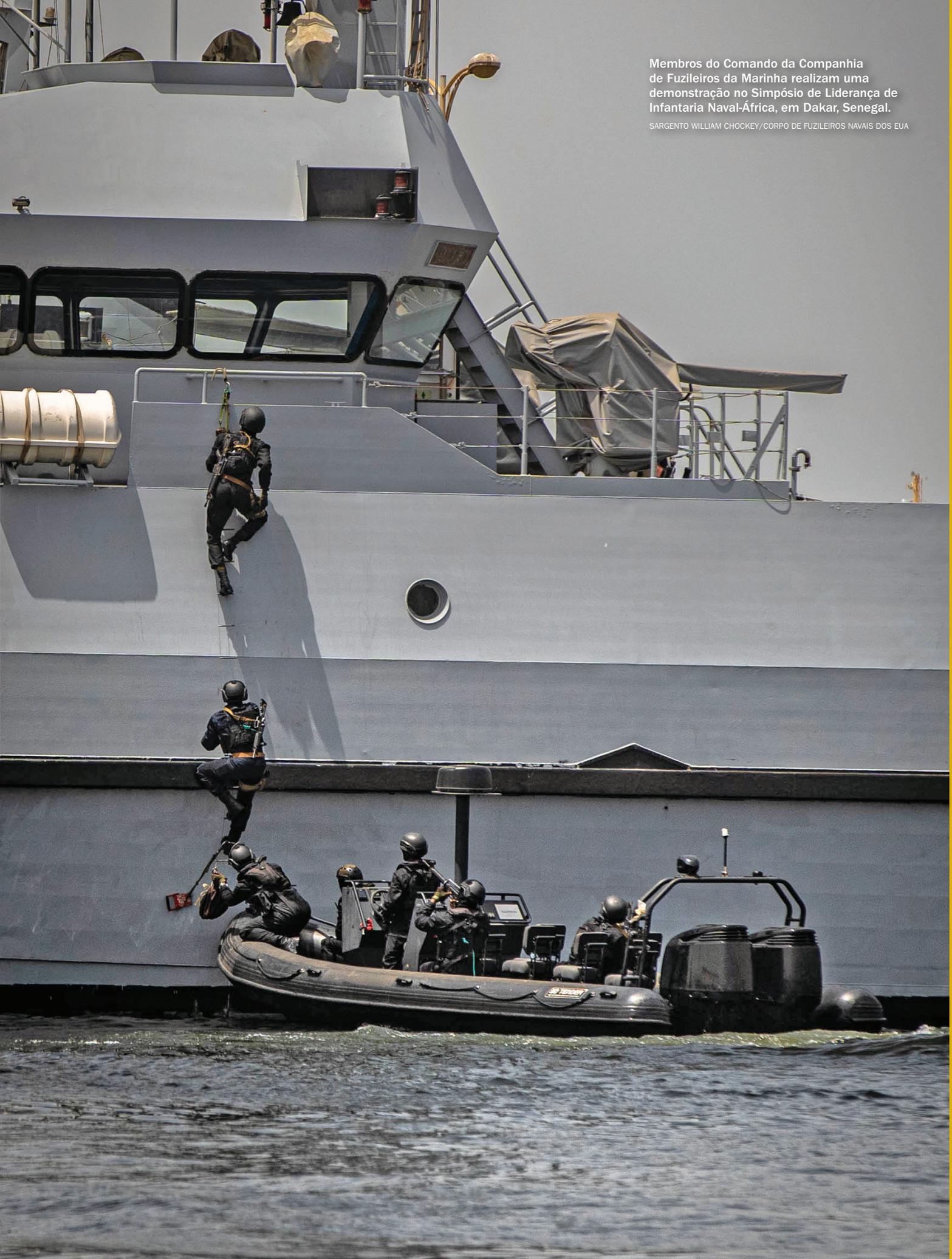
No início do ano de 2000, o Delta do Níger passou a ser um lugar sem lei. Com mais de 3.000 riachos e centenas de pequenas ilhas, as milícias armadas tinham muitos lugares para se esconderem. Em 2007, militantes raptaram mais de 150 pessoas e lançaram muitos outros ataques contra infra-estruturas de petróleo. As embarcações navais e os treinos tradicionais demonstraram ser inadequados para conter a ameaça.

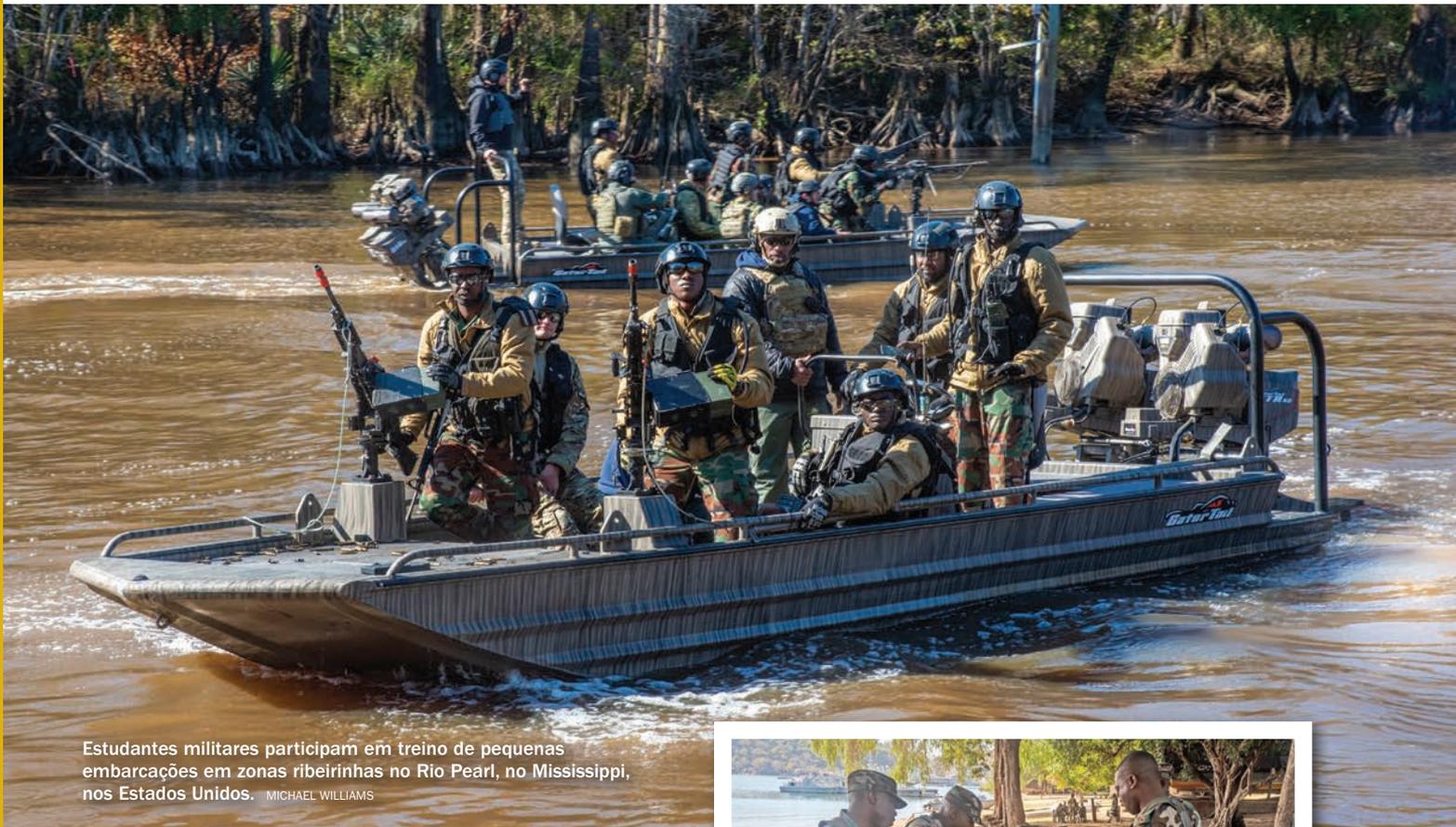
Em 2006, a Nigéria criou o Serviço de Barco Especial (SBS), uma unidade de elite criada para guerra assimétrica em ambientes ribeirinhos.

“A Marinha viu um desafio,” disse o Capitão Olayinka Aliu, comandante do Serviço de Barco Especial da Nigéria. “Se for para que as forças das operações especiais operem de forma eficaz, dentro do ambiente marítimo nigeriano singular, então, devem continuar as operações militares para além do ambiente marítimo tradicional e

Membros do Comando da Companhia de Fuzileiros da Marinha realizam uma demonstração no Simpósio de Liderança de Infantaria Naval-África, em Dakar, Senegal.

SARGENTO WILLIAM CHOCKEY/CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA





Estudantes militares participam em treino de pequenas embarcações em zonas ribeirinhas no Rio Pearl, no Mississippi, nos Estados Unidos. MICHAEL WILLIAMS



Membros da Força Marítima Malawiana realizam uma missão de planificação durante o treino, em Monkey Bay, Malawi.

SEGUNDO-SARGENTO SEAN CARNES/FORÇA AÉREA DOS EUA

entrar para as zonas ribeirinhas. As operações ribeirinhas são, na essência, operações conjuntas, e é necessário ter algum tipo de capacidades de infantaria que as forças navais convencionais não tinham.”

A Nigéria moldou o seu SBS seguindo o modelo dos Fuzileiros Navais dos EUA e recebeu ajuda deles para desenvolver módulos de formação.

O Curso de Capacidade Operacional Básica do SBS, com duração de 24 semanas, é notoriamente rigoroso, com candidatos sendo obrigados a passar por privação de sono e demonstrar imensas capacidades de nado e resistência. O SBS expandiu-se para incluir cursos de guerra nas florestas, guerra no deserto, operações com anfíbios e operações nas zonas ribeirinhas. Um esquadrão de treinos faz a rotação constantemente para oferecer um curso de quatro a seis semanas para manter as habilidades apuradas.

Tudo isso é feito com o interesse de combatermos a criminalidade marítima.

“As coisas estão a mudar. A criminalidade marítima está constantemente a mudar. Quando se tem uma estratégia, uma outra coisa sempre aparece,” disse Aliu. “A criminalidade irá continuar a transformar-se, e é necessário que estejamos preparados como infantaria naval; é assim que podemos permanecer 10 passos em diante em relação ao criminoso.”

Desde 2022, o SBS estava envolvido em seis operações que variam desde a Operação Hadin Kai, no nordeste, para derrotar o Boko Haram e grupos relacionados, até à Operação Hadarin Daji, contra bandidos do noroeste. O SBS também enviou formadores para o Chade e para o

Níger a fim de ajudar a desenvolver unidades de barcos para combaterem extremistas e traficantes na região do Lago Chade.

Aliu disse que a missão do SBS está a crescer. Agora, a maior parte do seu trabalho é em terra. Possui intenções de mudar o seu nome e melhorar para um comando de operações especiais em pleno. Ele acredita que, na Nigéria, a infantaria naval está a preencher uma lacuna de segurança.

“O que acontece na terra tem uma forma de moldar os eventos no mar,” disse Aliu. “Há que se descobrir que os piratas não vivem no mar; eles vêm de uma comunidade costeira. Existe uma necessidade de preencher esta lacuna entre o ambiente marítimo e o ambiente ribeirinho. E é aqui onde a infantaria naval entra.”



Contra-Almirante da Marinha Senegalesa (Reformado) Samba Fall profere um discurso no Simpósio de Liderança de Infantaria Naval-África 2022, em Dakar.

SARGENTO WILLIAM CHOCKEY/CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA



O Major-General do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, Tracy King, Comandante das Forças de Fuzileiros Navais dos EUA na Europa e África, e o Chefe do Estado-Maior da Marinha Senegalesa, Contra-Almirante Oumar Wade, cumprimentam-se depois de assinarem a carta do Simpósio de Liderança de Infantaria Naval-África.

SARGENTO WILLIAM CHOCKEY/CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS DOS EUA

EXPANDIR A EDUCAÇÃO

Enquanto os países solicitam que as infantarias assumam novas tarefas, elas vêem a necessidade de formação e educação contínuas. Mas manter as habilidades apuradas é um desafio.

O Gana criou o seu Esquadrão de Barco Especial em 2016. O mesmo especializa-se em situações de abordagem oposta e outros cenários hostis como resgate de reféns. Os potenciais membros do esquadrão são voluntários de dentro da Marinha do Gana que foram avaliados e seleccionados para tentarem participar no curso de seis meses.

Dzakpasu, comandante do Esquadrão do Barco Especial da Marinha do Gana, disse que o curso é “extenuante” e “academicamente desafiador.” “O curso do SBS decorre em fases,” disse. “Foi concebido para primeiro condicionar os formandos para trabalhar em pequenos grupos e movimentar-se rapidamente, depois as outras fases desenvolvem a sua forma de pensar, a forma de pensar para conhecer as possibilidades que uma unidade militar padrão pode achar que são impossíveis.”

Ao longo da sua carreira, os operadores irão participar em cursos de actualização. Espera-se que todos os operadores ganhem as habilidades para serem instrutores e poderem treinar os outros.

Esta formação constante, disse Dzakpasu, marca a diferença. “Não se trata de obter equipamento mais sofisticado, mas de fazer uso daquilo que se tem disponível no melhor das suas capacidades para alcançar os seus objectivos,” sublinhou. “Também fornece as bases para planificar e ter missões definidas, para que não enfrentemos uma missão que esteja muito acima das nossas capacidades.”

Pelo mundo, a formação está a ser actualizada. A formação de fuzileiros está a tornar-se mais interactiva, mais personalizada e concebida para garantir que os formandos retenham conhecimentos em toda a sua carreira.

Mais oficiais não comissionados estão a receber formação estratégica e de liderança para que estejam prontos para tomar decisões quando estiverem a liderar pequenos esquadrões. O conceito de criar um “corpo estratégico,” um suboficial que tem a capacidade de liderar como um oficial, está a ganhar terreno.

“A ameaça está sempre a evoluir, é muito provável que se lute numa natureza muito dispersa,” disse o Major Trevor Hall, que desenvolveu os programas de treino para o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. “Como vocês estarão mais distanciados, não haverá oficiais por perto para tomar todas as decisões. Estas decisões são feitas a nível do esquadrão ou abaixo.”

Senegal é um dos países que está a investir na educação. Em Janeiro de 2022, o país abriu a sua École de la Marine Nationale, uma escola naval com ênfase em garantir acesso dos marinheiros a cursos inovativos.

Os “recursos humanos” são o “coração” da Marinha, disse o Contra-Almirante Oumar Wade, chefe do Estado-Maior da Marinha Senegalesa. “Para nós, o principal pilar da segurança é a instrução, formação e manutenção das habilidades adquiridas na escola.”

À PROCURA DE PARCERIAS

Parcerias emergentes estavam em exposição durante o primeiro Simpósio Africano de Líderes da Infantaria Naval-África presencial, ocorrido em Dakar, nos dias 7 e 8 de Julho de 2022.

Líderes navais provenientes de 22 países africanos e outros oito países tiveram um intercâmbio de melhores práticas e debateram sobre desafios comuns. O evento terminou com a assinatura de uma carta em que todos os países se comprometeram a continuar a partilhar informação e a cooperar em questões de interesse comum.

A África Ocidental deu grandes passos em direcção



Membros da Força Marítima Malawiana garantem a segurança de um barco enquanto o mesmo se aproxima da costa durante o treino, em Monkey Bay.

SEGUNDO-SARGENTO SEAN CARNES/FORÇA AÉREA DOS EUA

à cooperação regional. Em 2023, o Código de Conduta de Yaoundé marcará o seu 10º aniversário. A arquitetura de segurança criada por este código agora permite patrulhas coordenadas e a livre troca de informação para rastrear e interceptar navios no Golfo da Guiné e não só.

Os participantes do simpósio observaram que a interoperabilidade entre as marinhas continua a ser um desafio, com as barreiras linguísticas, doutrinas, leis e equipamento por vezes a dificultarem as parcerias.

Mas, disse Wade, “a confiança é a palavra-chave,” observando que a confiança foi construída através de mais de uma década de exercícios conjuntos e cooperação.

“A predisposição para criar interoperabilidade existe, mas são os nossos oficiais que se reúnem constantemente que irão fazer com que o caminho seja possível,” assinalou Wade.

Algumas novas parcerias atravessam oceanos. O corpo de Fuzileiros Navais do Brasil criou um grupo de consultoria na Namíbia e em São Tomé e Príncipe e está a realizar eventos de formação noutros países africanos. O Capitão do Mar e Guerra, André Guimarães, do Corpo de Fuzileiros Navais Brasileiro, falou no simpósio e disse que a formação em diferentes ambientes é de vital

importância para o desenvolvimento de um fuzileiro naval. Ele encorajou os líderes participantes a confiarem na formação e disse que o curso ribeirinho exigente do Brasil, no Amazonas, está aberto para fuzileiros navais de todas as partes do mundo.

“Muitas vezes, concentramo-nos muito no equipamento; todos queremos as melhores embarcações,” disse Guimarães. “Mas nós simplesmente precisamos de equipamento adequado com um operador atento e com formação constante. Toda a tecnologia do mundo não resolve muito se não tivermos, na unidade, fuzileiros navais prontos para serem líderes.”

Fall, com décadas de experiência, vê uma comunidade de líderes de infantaria naval, a nível mundial, a emergirem em África, com um propósito comum. Ele espera ver a troca de conhecimentos a continuar não apenas a nível estratégico, mas também a nível técnico.

“É essencial. Temos de criar intercâmbios,” disse. “Neste momento, não são países a agir sozinhos; precisamos de países que trabalhem juntos para enfrentar estas ameaças. Precisamos de coligações. Temos de estar do lado daqueles que procuram fazer a coisa certa, a coisa moral e a coisa democrática. Para podermos enfrentar as ameaças que estão sempre a emergir.” □



UM CAPITÃO CHADIANO ENCONTRA-SE ENTRE OS 85 AFRICANOS QUE MORRERAM QUANDO SERVIAM EM MISSÕES DA ONU, EM 2021

É HONRADO

UM CAPITÃO CHADIANO ENCONTRA-SE ENTRE OS 85 AFRICANOS QUE MORRERAM QUANDO SERVIAM EM MISSÕES DA ONU, EM 2021

EQUIPA DA ADF

UM CAPITÃO DO EXÉRCITO do Chade, que morreu quando protegia civis no Mali, tornou-se a segunda pessoa a receber o mais elevado prémio de manutenção da paz das Nações Unidas.

O Capitão Abdelrazakh Hamit Bahar juntou-se à Missão Integrada de Estabilização da ONU no Mali, em Janeiro de 2021. Foi enviado para o Aguelhok Super Camp, no nordeste, quando um grupo terrorista armado atacou e tentou tomar a base e os seus postos avançados, de acordo com a ONU.

Ele dirigiu um contra-ataque. Enquanto protegia o perímetro, observou que alguns dos atacantes estavam a entrar numa casa próxima. Foi tomar e garantir a segurança da casa, onde ele foi alvejado e morto.

Morreu em Abril de 2021, aos 34 anos de idade. Numa cerimónia de Maio de 2022, em Nova Iorque, a ONU honrou Abdelrazakh e outros soldados de manutenção da paz que morreram no cumprimento do seu dever, em 2021.

“A predisposição do capitão Abdelrazakh de arriscar a sua própria vida para salvar os outros é um exemplo de coragem e dedicação dos mais de 1 milhão de soldados de manutenção da paz que serviram nas linhas da frente de conflitos desde 1948,” disse o Subsecretário-Geral para as Operações de Paz, Jean-Pierre Lacroix. “O capitão Abdelrazakh fez o mais alto sacrifício em busca da paz. Lamentamos a sua perda juntamente com a sua família, colegas e a nação chadiana. O seu serviço abnegado serve de inspiração para todos nós e estamos orgulhosos de poder honrá-lo.”

Três outros soldados de manutenção da paz do Chade também morreram e 34 foram feridos durante o ataque. Um total de 74 soldados chadianos de manutenção da

paz da ONU morreram ao longo destes anos.

Lacroix acrescentou que o sacrifício do capitão destaca o crescente perigo enfrentado pelos soldados de manutenção da paz da ONU na realização do seu trabalho em alguns dos ambientes mais desafiantes do mundo. A Missão da ONU no Mali é a mais perigosa do mundo, com mais de 270 soldados de manutenção da paz mortos desde 2013.

Abdelrazakh é o segundo vencedor da “Medalha Capitão Mbaye Diagne de Coragem Excepcional,” nomeada em honra ao senegalês Capitão Diagne, que



O Capitão Abdelrazakh Hamit Bahar, de boné da ONU, e o Tenente-Coronel Chahata Ali Mahamat, de turbante creme, serviram na Missão de Manutenção da Paz da ONU no Mali, em 2021. TENENTE-CORONEL CHAHATA ALI MAHAMAT



P r uwhvthVr alddr vthP dqx whq çã dtS'd}G hmr qvvudm'F' r mpur mlvvr f'r mlV' lvvãhv

Em 2021, 117 soldados de manutenção da paz das Nações Unidas morreram no cumprimento do seu dever, com 85 deles sendo provenientes de países africanos. Esse número reflecte o compromisso global de cada país em proteger pessoas inocentes e garantir a paz:

 3 eram do Burquina Faso	 3 eram da Etiópia	 3 eram do Níger
 1 era do Burundi	 4 eram do Gana	 2 eram do Senegal
 2 eram dos Camarões	 3 eram do Quénia	 2 eram da Serra Leoa
 8 eram da República Centro-Africana	 1 era da Libéria	 3 eram da África do Sul
 6 eram do Chade	 1 era da Líbia	 7 eram do Sudão do Sul
 14 eram da República Democrática do Congo	 3 eram do Malawi	 1 era da Sudão
 4 eram do Egipto	 1 era da Mali	 2 eram da Tanzânia
	 3 eram do Marrocos	 8 eram do Togo



Pai do Capitão Abdelrazakh Hamit Bahar, sentado, e outros familiares fazem uma pose com oficiais da ONU.

MANUTENÇÃO DA PAZ DA ONU/MARIE-FRANCE PAGÉ



A Medalha da ONU pela Coragem Excepcional foi conferida à família do capitão chadiano, Abdelrazakh Hamit Bahar.

MANUTENÇÃO DA PAZ DA ONU/MARIE-FRANCE PAGÉ

salvou centenas de vidas quando servia como “capacete azul” da ONU, durante o genocídio de Ruanda, em 1994. Diagne escondeu civis com lençóis na sua viatura, depois manobrou, passando por postos de controlo, enquanto levava os seus passageiros para um lugar seguro.

Diagne foi morto quando uma cápsula de um morteiro explodiu próximo da sua viatura, depois de ser interpelado num posto de controlo do governo. Em 2014, a ONU criou o prémio em sua honra e deu o primeiro à sua família.

A Assembleia Geral da ONU criou o Dia Internacional de Manutenção da Paz da ONU, em 2002, para prestar homenagem a todos homens e mulheres que servem na área de manutenção da paz e para honrar aqueles que deram as suas vidas pela causa da paz. A Assembleia Geral designou 29 de Maio como o dia do soldado da manutenção da paz, para comemorar o dia, em 1948, quando a primeira missão de manutenção da paz da

ONU, a Organização de Supervisão do Cessar-Fogo, começou as operações na Palestina. Desde então, mais de um milhão de pessoas serviram em 72 operações de manutenção da paz da ONU.

Nas cerimónias de Maio, a ONU também efectuou a entrega de uma carta de recomendação ao Tenente-Coronel Chahata Ali Mahamat, que lutou juntamente com Abdelrazakh naquele dia e ajudou a evacuar 16 colegas feridos.

Durante a cerimónia, o Secretário-Geral António Guterres depositou uma coroa em homenagem aos aproximadamente 4.200 soldados de manutenção da paz da ONU que morreram no cumprimento do seu dever desde 1948. Ele também presidiu a cerimónia em que a medalha Dag Hammarskjöld foi dada de forma póstuma a 117 militares, polícias e civis da manutenção da paz que morreram servindo sob a bandeira da ONU, em 2021. □

OBTENDO LUCROS

A PARTIR DA SUA POSIÇÃO



Para os Exércitos, os Interesses Empresariais Trazem Receitas, Mas Muitas Vezes Degradam a Prontidão

EQUIPA DA ADF

ILUSTRAÇÃO DA ADF

Desde terras aráveis a campos de petróleo, o exército sudanês está profundamente enraizado nas indústrias que estão no centro da economia do país. Os Sistemas de Indústrias de Defesa (DIS), controlados pelo exército, operam mais de 250 empresas, colectivamente avaliadas em 2 bilhões de dólares, que produzem uma variedade de equipamento para o uso do exército e para o uso civil. Para além da produção de equipamento militar, as empresas do DIS estão envolvidas com ouro, mármore, cabedal, pasta arábica e utensílios domésticos.

Os DIS também investiram em telecomunicações, sector bancário, distribuição de água, empreendimentos imobiliários, aviação, transporte, fármacos e têxteis. Para além disso, os DIS controlam 60% das importações de trigo do Sudão.

“Eles estão em todo o lugar,” Jean-Baptiste Gallopin,

um investigador do Conselho Europeu de Relações Internacionais, escreveu numa análise da situação política e económica do Sudão.

Através dessas empresas, o exército ganha um rendimento fora do orçamento para financiar as operações. Pelo menos 50 empresas financiam as Forças de Apoio Rápido geridas pelo General Mohammed Hamdan Dagalo, também conhecido por Hemedti. Todo este rendimento é livre de impostos.

Depois da deposição do governante de longa data, Omar al-Bashir, os líderes civis do Sudão anunciaram uma agenda ambiciosa, em preparação das eleições planificadas para 2023 — uma agenda que incluía alienar os acordos empresariais civis do exército e cobrar-lhes impostos.

O General Mohammed Fattah al-Burhan acabou com esses planos em 2021 quando dissolveu o Conselho

de Soberania no poder, prendeu o Primeiro-Ministro Abdalla Hamdok e encerrou as investigações às atividades militares.

Desde o golpe de Estado, protestos contra a junta tornaram-se uma parte normal da vida no Sudão.

A experiência do Sudão ilustra o risco que os exércitos representam para o governo civil e a sua própria credibilidade quando entram nos negócios por si próprios.

Sudão não é o único. Desde Cuba ao Zimbábwe, dezenas de exércitos na Ásia, África e na América Central e América do Sul envolvem-se nos negócios por uma variedade de motivos:

- Os governos nacionais não são capazes de financiar completamente o exército e encorajam-no a angariar os seus próprios fundos através de acordos.
- Uma falta de profissionalismo permite que os membros de todo o exército se envolvam num estilo de empreendedorismo do tipo “cada um por si.”
- Os líderes civis e militares desenvolvem uma relação simbiótica que mantém os civis no poder enquanto permitem que o exército faça a gestão dos seus próprios assuntos. Em alguns casos, os líderes civis acreditam que permitir que o exército ganhe lucros a partir das suas posições é fazer com que os seus governos sejam a “prova de golpe de Estado.”

“O envolvimento do exército na economia funciona como uma estratégia de sobrevivência para os líderes e um esquema de criação de lucro para o exército,”

a investigadora Roya Izadi escreveu no *Journal of Conflict Resolution*.

De acordo com Izadi, 47 exércitos lançaram as próprias empresas comerciais entre 1950 e 2010. Os exércitos do Sudão do Sul e do Gana abriram as suas próprias empresas depois de 2010. Argentina, Haiti, Índia, Paraguai e Uruguai encontram-se entre os poucos países que encerraram empresas militares nas últimas décadas.

Embora as empresas militares possam resolver os problemas de financiamento do governo a curto prazo, elas criam muitos mais problemas a longo prazo, de acordo com especialistas.

Exemplos históricos demonstram que, enquanto os interesses empresariais militares crescem, a corrupção que eles fomentam degrada a prontidão do exército, uma vez que a cadeia de comando se concentra mais em fazer dinheiro do que em defender o país. Afastando as empresas privadas, as empresas militares destroem as relações civil-militares.

Com o passar do tempo, as empresas militares tornam-se predadoras porque as forças armadas monopolizam os recursos em detrimento do país, de acordo com Ayesha Siddiqi, autora do livro “*Militares Inc.: Inside Pakistan’s Military Economy* (Um Olhar sobre a Economia Militar do Paquistão).”

“O poder económico militar segue em espiral para fora,” disse Siddiqi à ADF numa entrevista. “Quanto mais se procura agradá-lo, mais ele fica ambicioso.”

As Origens das Empresas Militares

A Célula Nacional de Logística do Paquistão (NLC) foi criada em 1978 para desenvolver estradas, caminhos-de-ferro e outras infra-estruturas necessárias para resolver o problema de transportes no Porto de Karachi,



Soldados sudaneses passam pelo complexo do Ministério da Defesa em Cartum. REUTERS

quando as autoridades civis demonstraram incapacidade de o fazer. Os países, muitas vezes, recorrem ao exército quando estão em crises, fornecendo-os um ponto de entrada para a economia do país.

A NLC, que foi criada pelo quartel-mestre-general do exército paquistanês, é um exemplo de como o exército entra em negócios. Em vez de dissolver-se depois da crise, a NLC expandiu as suas operações de forma significativa.

As guerras repetitivas do Paquistão com a Índia revelam um outro motivo pelo qual os exércitos entram nos negócios: para financiar tudo, desde as operações diárias até aos benefícios dos veteranos. Através de uma rede de fundações e subsidiárias, o exército do Paquistão angariou aproximadamente 20 bilhões de dólares, somente em 2017. O orçamento oficial da defesa naquele ano era de 11,5 bilhões de dólares.

Em países com governos fracos, os líderes civis consideram as empresas militares como uma forma de manter as forças armadas felizes, de acordo com Izadi. No final, contudo, as empresas militares tornam-se uma espada de dois gumes.

A autonomia financeira oferece às forças armadas um sentimento de poder e confiança de serem independente dos civis 'incompetentes,' disse Siddiq. "Enquanto o exército pode fingir que está a acrescentar algo para a segurança nacional, na realidade, está a acrescentar a ameaça."

Empresas Militares e Corrupção

O Paquistão serve de um exemplo de como as empresas militares se desenvolvem e um alerta sobre o que pode acontecer se não forem controladas.

Desde finais da década de 1970, o exército, a marinha e a força aérea do Paquistão concorreram para obter as receitas, expandindo as suas empresas para todos os cantos da economia nacional.

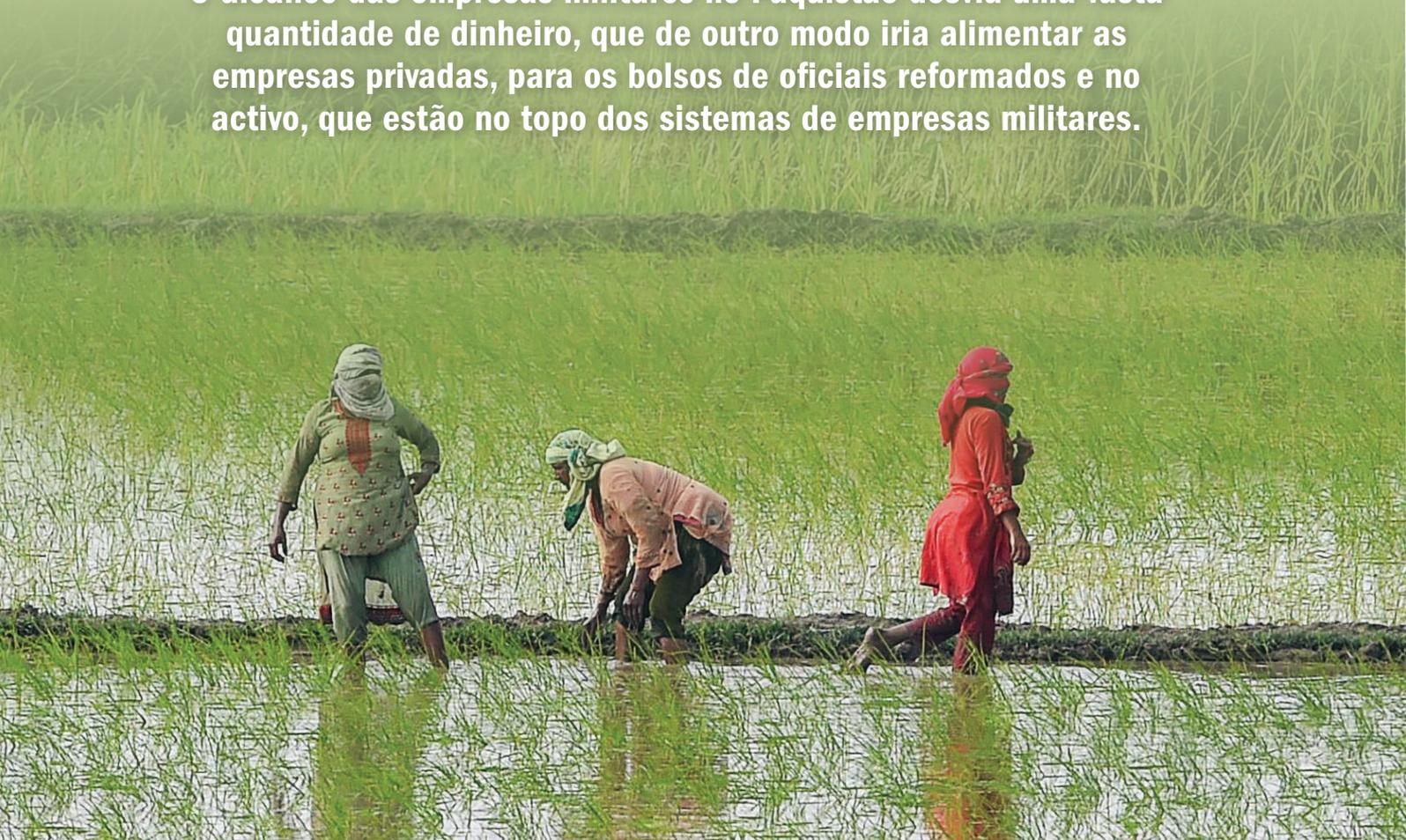
Quando os paquistaneses compram sapatos, fazem reservas para férias ou fazem transacções bancárias, colocam dinheiro no exército. Quando enviam bens, a NLC — entre as maiores frotas de transporte do sector público na Ásia — faz o trabalho com o seu pessoal de 2.500 soldados no activo. Quando os paquistaneses viajam de avião, um piloto do exército ou da força aérea fica no comando, dependendo da linha aérea.

Com ligações fortes com o governo e uma força de trabalho subsidiada pelos impostos dos cidadãos, as empresas militares do Paquistão facilmente conseguem uma vantagem em relação às outras na obtenção de contratos com o governo. A empresa de caminhos-de-ferro do Paquistão, de propriedade do Estado, por exemplo, transportou 65% da carga daquele país em 1980. Entre a sua rede de camiões e serviços

Os interesses das empresas militares do Paquistão incluem várias extensões de terra arável e refinarias de petróleo, frotas de transporte, agências de viagens, padarias e universidades.

AFP/GETTY IMAGES

O alcance das empresas militares no Paquistão desvia uma vasta quantidade de dinheiro, que de outro modo iria alimentar as empresas privadas, para os bolsos de oficiais reformados e no activo, que estão no topo dos sistemas de empresas militares.



ferroviários, a NLC reduziu o volume transportado da empresa de caminhos-de-ferro do Paquistão para transportar menos de 15% da carga daquele país até 2010.

“A NLC está a afastar todos outros concorrentes,” disse Siddiq a ADF.

O alcance das empresas militares no Paquistão desvia uma vasta quantidade de dinheiro, que de outro modo iria alimentar as empresas privadas, para os bolsos de oficiais reformados e no activo que estão no topo dos sistemas de empresas militares, afirmam os especialistas.

O foco do exército em fazer dinheiro alimenta a corrupção e coloca em risco a prontidão militar do Paquistão. Os oficiais subalternos brincam com o sistema de aquisições do exército para obter favores dos superiores que controlam as promoções e outros privilégios, como a distribuição de terras agrícolas lucrativas, disse Siddiq, a antiga directora do Gabinete de Pesquisa Naval do Paquistão.

“Até à categoria de capitão, os oficiais fizeram avaliações de aquisições correctas,” disse Siddiq a ADF. “De capitão em diante, de repente, tudo vira do avesso.”

Ao colocar soldados para trabalharem como construtores de estradas e recepcionistas de lavandarias, em vez de os treinar para missões, os líderes do exército do Paquistão estão a prejudicar a prontidão militar do país, disse Siddiq.

“Quando os exércitos gerem empresas, os seus interesses económicos competem com as suas obrigações de segurança nacional,” escreveu Izadi.

Controlar as Empresas Militares

“Quando um exército se torna um actor económico, é extremamente difícil que os governos os convençam a abandonar as actividades económicas,” escreveu Izadi. “É extremamente difícil que os líderes confisquem as empresas sob a propriedade do exército.”

Isso acontece mesmo enquanto as empresas militares profundamente enraizadas fazem com que o país fique menos atractivo para investimentos estrangeiros e prejudica as relações entre o exército e a população civil, de acordo com um estudo da Transparência Internacional (TI).

Consideremos o caso da Indonésia: de acordo com a TI, o governo comprometeu-se, em 2004, em encerrar as operações empresariais do seu exército, a Tentara Nasional Indonesia (TNI), para fazer com que esta preste contas em tudo à população civil.

Depois de cinco anos sem que nada fosse feito, o governo permitiu que a TNI reorganizasse as suas empresas em 23 fundações e 1.000 cooperativas militares com a compreensão de que qualquer rendimento ganho iria para o tesouro do Estado. Até 2019, a TNI continuou no controlo firme dos seus interesses empresariais, de acordo com o investigador Meidi Kosandi, da Universidade da Indonésia.

“Depois de 20 anos de reforma política na Indonésia,



A fábrica, Fauji Jordan Fertilizer, do Paquistão, faz parte da extensa rede de empresas controladas pelo exército daquele país.

AFP/GETTY IMAGES

desde 1998, tudo indica que o exército não demonstrou um forte compromisso para com o princípio de não participação nos negócios,” Kosandi escreveu no seu estudo de 2019.

O poder estatal é um factor importante na evolução e controlo dos empreendimentos militares, Kristina Mani, uma especialista em empresas militares, do Oberlin College, disse à ADF. Governos fracos são incapazes de voltar a moldar os seus exércitos ou acabar com actividades comerciais militares, disse.

“Reformar qualquer instituição envolve reconfigurar as relações de poder,” disse Mani, que estudou actividades empresariais militares na China, Paquistão e El Salvador.

“Os governos civis podem fazer isso se tiverem muita legitimidade doméstica ou bom apoio internacional com verdadeira influência.”

Os países que paralisaram empresas militares tiveram de tomar medidas drásticas para o fazer. Haiti, por exemplo, dissolveu o seu exército por completo em 1995, em parte, para colocar um fim às empresas militares. Em outros casos, governos civis e suas forças armadas passaram muitos anos a negociar para acabar com interesses empresariais militares fora do orçamento.

“Exércitos altamente profissionais têm maior probabilidade de seguir actividades económicas para fins institucionais em vez de fins individuais,” disse Mani. “Em Estados fortes, um exército ficará mais apegado aos objectivos determinados pelos oficiais do Estado em vez de seus próprios interesses.”

Reduzir empresas militares beneficia as forças armadas e os governos civis a quem eles devem prestar contas. Isso porque, a longo prazo, as empresas militares retiram a legitimidade dos exércitos que as praticam, disse Siddiq a ADF.

“Isso cria fricção, o que não é saudável para o exército nem para o Estado,” concluiu. □





Aprender a Navegar em **TERRENOS PERIGOSOS**

Um soldado das Forças Armadas Nigerinas (FAN) limpa a areia do deserto à procura de dispositivos explosivos improvisados (DEI) simulados. Ele e seus colegas participaram na formação de luta contra DEI com técnicos em eliminação de engenhos explosivos da Força Aérea dos EUA, no Acampamento Genie das FAN, em Agadez, Níger, no dia 19 de Maio de 2022. As FAN e as forças dos EUA realizam estas sessões de formação conjunta duas vezes por semana para melhorar as suas habilidades em detectar e desmantelar os dispositivos mortais.

À SUA PRÓPRIA IMAGEM

**CHINA EXPORTA O SEU MODELO
DE "PARTIDO-EXÉRCITO"
COMO UMA FORMA DE
CONTROLO POLÍTICO**

EQUIPA DA ADF

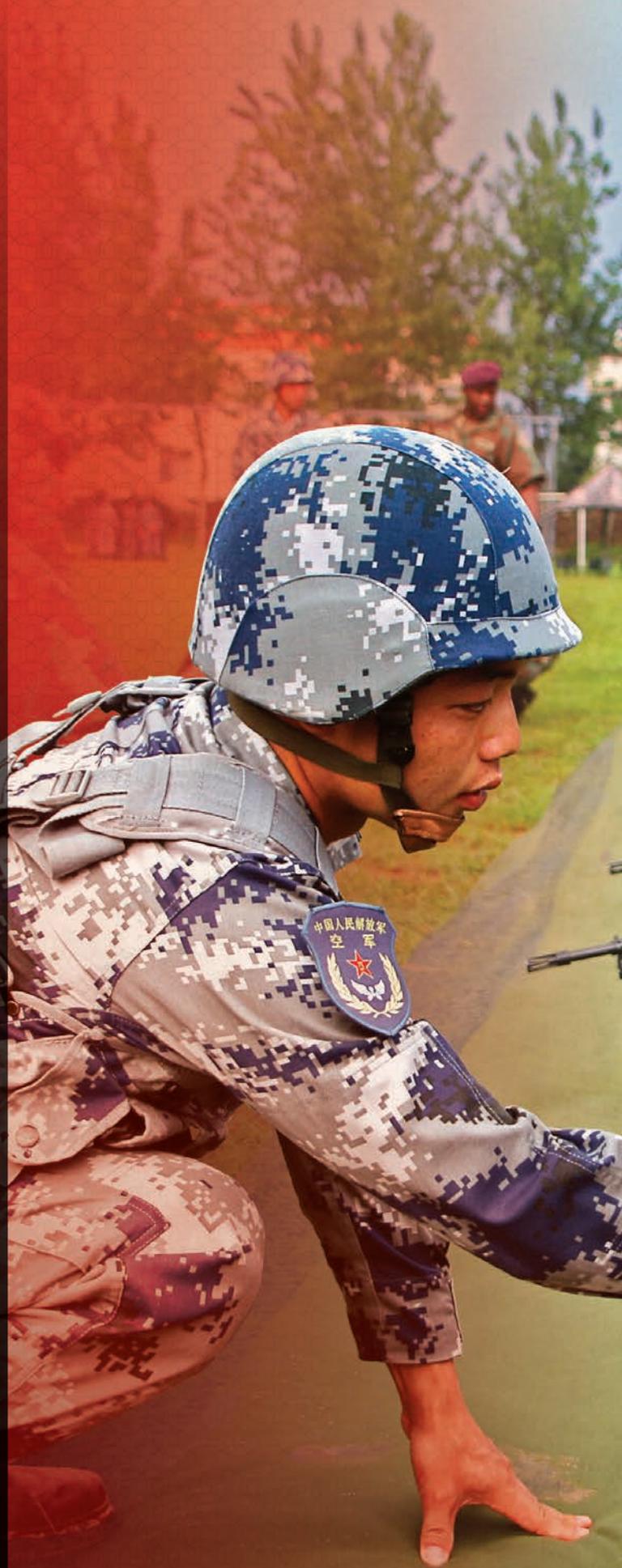
O interesse e o envolvimento da China em África incluem tudo, desde o estabelecimento de mercados económicos até à negociação de projectos de infra-estrutura lucrativos, avaliados em bilhões de dólares.

O país comunista também é conhecido por aquilo que leva do continente. A frota de pesca em águas longínquas da China saqueia as águas africanas. O Exército de Libertação Popular (PLA) procura expandir a sua presença naval — já estabelecida na África Oriental — para a Costa da África Ocidental, uma acção que pode proteger os seus interesses pesqueiros naquele ponto.

Um esforço chinês menos conhecido, contudo, procura moldar a própria estrutura de como os exércitos africanos operam e se relacionam com o governo civil. Um país conhecido pelas suas exportações agora está a enviar mais do que apenas produtos têxteis e electrónicos para o continente: a China está a alastrar o seu modelo militar "partido-exército," que fez com que o exército fosse devoto ao partido no poder, não ao governo nem ao seu povo.

Fuzileiros navais chineses treinam tropas sul-africanas em matéria de manuseamento de armas.

DR. ERNEST GUNASEKARA-ROCKWELL







"O que emerge deste modelo é o que os líderes da China chamam de partido-exército, cujo dever primário é a sobrevivência do partido no poder."

*~ Paul Nantulya,
Centro de Estudos Estratégicos de África*



Militares chineses participam numa cerimónia de inauguração de uma nova base naval da China em Djibouti, em Agosto de 2017. Djibouti é onde se encontra a primeira base naval da China no estrangeiro.

AFP/GETTY IMAGES

“Obviamente, o modelo chinês de partido-exército é atractivo para alguns partidos africanos no poder bem como para líderes militares que abraçam a ideia de redefinir o papel do exército como uma garantia da sobrevivência do partido no poder,” escreveu o investigador associado, Paul Nantulya, para o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS). “Também pretende reforçar redes de elite e hierarquias, que é uma grande característica das relações políticas da China e, muitas vezes, substituem os procedimentos institucionais e constitucionais.”

EM QUE CONSISTE O MODELO DE 'PARTIDO-EXÉRCITO'?

No seu livro, “Problemas da Guerra e Estratégia,” o líder comunista chinês, Mao Zedong, escreveu, “O nosso Princípio é que o Partido comanda a arma e a arma nunca deve ser autorizada a comandar o Partido.” O resultado é um PLA que existe em primeiríssimo lugar para proteger e sustentar o Partido Comunista Chinês (PCC), servindo como seu “braço armado.”

A Comissão Militar Central (CMC) do PCC é presidida pelo presidente chinês, Xi Jinping, e é o organismo principal de tomada de decisões militares naquele país, de acordo com “Exército e Desenvolvimentos de Segurança da República Popular da China 2020,” um relatório anual do Congresso dos Estados Unidos.

A CMC possui controlo operacional do exército e deve dependência ao Politburo, a mais alta autoridade do partido, escreveu Nantulya, no seu artigo de Julho de 2020, para o ACSS, intitulado “China Promove o Seu Modelo Partido-Exército em África.” A CMC é superior em relação ao Ministério da Defesa, que age como um consultor. O Departamento de Trabalhos Políticos utiliza uma rede de “comissários políticos” para doutrinar os membros do exército.

“O que emerge deste modelo é o que os líderes da China chamam de partido-exército, cujo dever primário é a sobrevivência do partido no poder,” escreveu Nantulya.

CONSTRUÇÃO DO MODELO EM ÁFRICA

A China forneceu formação a vários países da África Austral durante o seu período da luta de libertação. Contudo, tal formação não terminou quando a independência foi alcançada. Nantulya escreveu que a China agora treina alguns militares africanos em três níveis, dentro do seu sistema de formação militar profissional (FMP). A maior parte dos formandos africanos encontra-se nos primeiros dois níveis:

- As academias regionais treinam cadetes e oficiais subalternos.
- Os colégios de comandos e Estado-maior das agências de serviço do PLA trabalham com oficiais na fase intermédia da carreira.



Presidente chinês, Xi Jinping, inspeciona uma guarda de honra aquando da sua chegada a Kigali, Ruanda, numa visita oficial, em Julho de 2018. AFP/GETTY IMAGES

- Os oficiais africanos representam aproximadamente 60% dos cerca de 300 oficiais estrangeiros admitidos para as principais instituições de FMP da China. A maior parte dos participantes vem de países em vias de desenvolvimento.

“Os oficiais africanos também participam em escolas políticas do PLA que fornecem a formação sobre os mecanismos que o partido no poder da China utiliza para exercer controlo sobre o exército, incluindo através do sistema de comissários políticos,” escreveu Nantulya.

Os comissários geralmente desempenham várias funções no PLA, desde a sua criação em 1928, de acordo com “Comissários Políticos e Comandantes da China: Tendências e Dinâmicas,” um documento de 2005, escrito por Srikanth Kondapalli, para o Instituto de Defesa e Estudos Estratégicos de Singapura. Entre as suas funções, destacam-se:

- Supervisionar as unidades militares.
- Garantir a lealdade das tropas para o governo do PCC.
- Avançar as políticas do PCC.
- Supervisionar assuntos civis como educação e assuntos pessoais.
- Reforçar o moral das tropas e entretenimento.
- Estudar atentamente a forma de pensar do pessoal, avaliando a sua conduta em relação às regras e melhorar a sua consciência.
- Supervisionar as relações do exército com o público.

“Em termos gerais, o comandante militar tem a tarefa de implementar os objectivos políticos do Partido Comunista Chinês (PCC) e do Estado — a República Popular da China (RPC) — enquanto o comissário

político tem a tarefa de implementar os objectivos políticos do PCC no PLA,” de acordo com Kondapalli. “Enquanto o comandante tem a função de realizar questões de combate militar e direcção das tropas em tempos de guerra e de paz, evolução e melhoria de capacidades de combate necessárias, a instituição dos comissários políticos é voltada para disseminar a perspectiva do PCC no PLA e lutar para manter o ‘controlo absoluto do partido sobre o exército.’”

Um relatório de Julho de 2020, feito pelo USNI News, um serviço de notícias do Instituto Naval dos Estados Unidos, indica que comissários políticos a bordo de embarcações navais chinesas podem estar a contribuir para “acções de confrontação ou irracionais” quando se encontram com outras forças no mar. Este arranjo leva a uma partilha de autoridade em relação ao comando e controlo e contradiz o ponto de vista mais tradicional da cadeia de comando.

ZIMBABWE RECORRE AO LESTE

O presidente de longa data do Zimbabwe, Robert Mugabe, começou a fortalecer os laços económicos com a China, no início da década de 2000, quando o seu conturbado país viu-se privado de ajuda financeira do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e de outras fontes do ocidente. Em resposta, Mugabe estabeleceu a política “Virar-se Para o Leste,” que utilizou “para responder ao rótulo de pária, criando um outro local em que podia exercer a sua influência política estrangeira,” de acordo com um artigo de 2013, publicado na revista *World Politics Review*.

Mugabe assinou acordos comerciais e políticos com a China como uma alternativa aos parceiros relutantes ocidentais, que tinham criticado as eleições fraudulentas e o registo flagrante de violação de direitos humanos no Zimbabwe. Mugabe e a sua União Nacional Africana do Zimbabwe-Frente Patriótica (ZANU-PF) consideram os países e as organizações do ocidente como sendo neocoloniais. Tal caracterização caiu bem nas mãos da China, numa altura em que aquele país cada vez mais procurava estabelecer-se como uma potência estrangeira dominante presente no continente. Recentemente, a China celebrou acordos de concessão mineira lucrativos, assinou acordos de infra-estruturas baseados em empréstimos e explorou as unidades populacionais de peixe de África através de pesca predatória.

O Zimbabwe, talvez muito mais ou menos que qualquer outro país africano, partilhou o ponto de vista das estruturas militares da China como uma salvaguarda para o partido no poder no país. De facto, o próprio Mugabe, em 2017, foi citado como tendo dito que “a política sempre deve liderar a arma e não a arma a política,” um comentário que se assemelha à famosa citação de Mao.

Ironicamente, nesse mesmo ano, Mugabe encontrou-se cercado pelo seu próprio exército tão devoto ao ZANU-PF.

No dia 14 de Novembro de 2017, tanques começaram a convergir para a capital, Harare, um dia depois de o então Chefe do Estado-Maior do Exército, General

Constantino Chiwenga, ter falado contra Mugabe por ter exonerado o vice-presidente, Emmerson Mnangagwa, que era considerado um rival à sucessão da esposa de Mugabe, Grace, de acordo com uma reportagem do Mail & Guardian, um jornal sul-africano. Na divisão do partido, Mugabe ficou do lado da facção que apoiava a sua esposa.

No dia seguinte, o exército controlava as ruas da capital, e Mugabe estava sob aquilo que ele caracterizou de prisão domiciliar. No dia 18 de Novembro de 2017, protestantes tinham enchido as ruas, juntando-se ao apelo do exército para que Mugabe, que tinha 93 anos de idade,

renunciasse. Três dias depois, Mugabe fez exactamente isso, fazendo com que os procedimentos da destituição chegassem a um fim.

O vice-presidente deposto, Mnangagwa, foi investido como presidente em vez de Phelekezela Mphoko, um apoiante de Grace Mugabe e vice-presidente na altura.

Apenas alguns dias antes do golpe, Chiwenga estava na China a reunir-se com oficiais militares seniores chineses. Não houve provas do envolvimento chinês no golpe, mas alguns especularam que Chiwenga pode ter procurado uma subtil bênção para a deposição de Mugabe.

“Chiwenga era mais do que um chefe militar,” escreveu Nantulya. “Ele já chegou a dirigir o Comissariado Político do ZANU-PF. Assim como outros oficiais seniores zimbabwianos e as suas contrapartes chinesas, ele estava profundamente ligado aos trabalhos do partido.” No mês depois do golpe de Estado, Chiwenga foi investido como vice-presidente.

AS FRAQUEZAS DO MODELO

Mesmo na China, o modelo partido-exército não esteve isento de problemas. O PLA experimentou sectarismo, corrupção e patronagem política. A aproximação do partido e do exército permite que os problemas políticos proliferem no exército.

À medida que o exército da China se tornava mais politizado, Xi, que também serve como secretário-geral do Partido Comunista Chinês, aproveitou a oportunidade. Sob o disfarce de combate à corrupção, ele demitiu mais de 100.000 funcionários do partido e mais de 100 funcionários seniores.

Mesmo assim, os oficiais militares seniores chineses continuam comprometidos com o modelo partido-exército, escreveu Nantulya.



Membros da Banda do Exército de Libertação Popular pousam para uma fotografia, em Pequim, após a sua actuação no encerramento do Congresso Nacional do Povo, no Grande Salão do Povo, em Março de 2022. GETTY IMAGES

A adopção do modelo pelo Zimbabwe parece ter feito com que a intervenção militar numa querela interna do partido fosse inevitável. Conforme disse Chiwenga, num discurso do dia 13 de Novembro de 2017, antes do golpe, as lutas internas deveram-se às “maquinações de contra-revolucionários que se infiltraram no partido, cuja agenda é destruí-lo por dentro,” enviando o país para submeter-se ao domínio estrangeiro.

A história está repleta de exemplos de como os líderes africanos cooptaram o controlo dos seus exércitos nacionais para apoiar a si próprios e seus partidos no poder em prejuízo do povo. Émile Ouédraogo, um coronel reformado, do exército do Burkina Faso, e professor-adjunto de práticas no ACSS, alerta contra a politização do exército, no seu documento, “Avançando o Profissionalismo Militar em África.” Ele cita exemplos como a morte, em 2005, do Presidente Gnassingbé Eyadéma, no Togo, que levou que o seu filho, Faure Gnassingbé, o substituísse, depois de os generais terem impedido que o líder da Assembleia Nacional assumisse o poder de acordo com a Constituição.

Ouédraogo escreveu no documento “que a maioria dos golpes militares que ocorreram em África foram apoiados por actores políticos concorrentes. Quando estes interesses concorrentes estão dentro do partido no poder, ‘revoluções do palácio,’ em vez de uma interrupção completa da ordem constitucional apresentam a maior probabilidade de ocorrer.” Assim foi o caso três anos depois, no Zimbabwe.

“A consequência de tais relações é um exército que é mais partidário e menos profissional nos olhos da sociedade, diminuindo, desta forma, o respeito pela instituição — algo que é necessário de modo a recrutar soldados comprometidos, disciplinados e talentosos,” escreveu Ouédraogo. □

EMBAIXADORES DO *Deserto*



Meharistas da Guarda Nacional da Mauritânia ensaiam para um desfile militar em Nema.

AFP/GETTY IMAGES



Guardas Montados em Camelos na Mauritânia Garantem Mais do Que Apenas Segurança

EQUIPA DA ADF

A função primária dos 300 membros da Guarda Nacional Mehari da Mauritânia, montados em camelos, é fazer a patrulha das zonas remotas do Sahara, ao longo da fronteira com o Mali, procurando por células terroristas. Mas eles fazem muito mais do que garantir a segurança das aldeias e dos postos avançados nômadas.

Os montadores de camelos, vestidos de trajes tradicionais, fornecem informação vital, transportes públicos e ajudam com o acesso à água limpa. Eles podem oferecer cuidados de saúde sofisticados, como diagnosticar doenças e providenciar medicamento adequado. Muitos descrevem o trabalho como um chamado superior.

“O dia mais bonito para mim é quando recebo uma missão, independentemente de qual seja,” um membro da guarda disse à Radio France Internationale (RFI). “Pode ser uma missão de segurança ou uma missão de sensibilização, como ensinar sobre doenças, os perigos da imigração ilegal ou do tráfico de drogas. Qualquer que seja a missão, eu cumpro-a a todo o custo.”

Eles também colhem inteligência sobre terroristas e servem como embaixadores da boa vontade a favor do governo. Um guarda disse à DW News que alguns dos montadores vão para os mercados à paisana, procurando por grandes aquisições de combustível e suprimentos fora do comum. Em alguns casos, a informação é enviada ao governo, que envia unidades de combate ao terrorismo.

Os montadores vão para o deserto e ficam lá durante meses, acampando à noite. São conhecidos como Meharistas, derivado das palavras francesa e árabe para camelos do deserto.

A resposta aos montadores de camelo tem sido calorosamente positiva. Os montadores são conhecidos e

300 membros, montadores de Camelo, da Guarda Nacional de Mehari, da Mauritânia, fazem a patrulha das zonas remotas ao longo da fronteira com o Mali, em busca de células terroristas.

AFP/GETTY IMAGES



‘Navios do Deserto’ Criados Para Ambientes Mais Difíceis

EQUIPA DA ADF

Existem aproximadamente **40 milhões** de camelos no mundo.

Apesar da sua aparência estranha, um camelo pode correr a uma velocidade de até **65 quilômetros por hora** — quase tão rápido como um cavalo de corrida.

Os camelos possuem **três conjuntos de pálpebras** e duas linhas de pestanas para manter a areia fora dos seus olhos. Eles podem fechar completamente as narinas durante as tempestades de areia.

Histórias sobre estes navios do deserto a **sobreviverem sem água** são verdadeiras. As corcundas dos camelos permitem que eles armazenem mais de 36 quilogramas de gordura a partir da qual podem viver durante semanas ou meses. Quando um camelo finalmente encontra água, ele pode beber até 150 litros de uma só vez.

Os camelos podem sobreviver a temperaturas que rapidamente **matariam um cavalo** ou uma pessoa.

Diz-se que a língua árabe possui **100 palavras diferentes** para camelos, mas isso não é verdade. Cada uma das cerca de 100 variações da palavra acrescenta um elemento descritivo, como macho ou fêmea, sedento, paciente, grande ou jovem.

Os camelos produzem um dos **leitões mais saudáveis** do mundo, famoso para o consumo humano em muitos países.

confiados pelas comunidades que servem e são uma fonte de orgulho cívico. As comunidades remotas que há muito reclamavam que os países as ignoravam, estão gratas por ver provas de autoridades federais a chegarem para ajudá-las.

“O agrupamento nómada da Guarda Nacional faz muito por nós,” disse um residente à Africanews. “Antes de nós termos uma rede de distribuição de água, eram eles que nos forneciam água. Desde que eles vieram para aqui, sentimo-nos seguros. Eles oferecem consultas e medicamentos gratuitamente para (a comunidade de) Achemine.”

A resposta aos montadores de camelo tem sido calorosamente positiva. Os montadores são conhecidos e confiados pelas comunidades que servem e são uma fonte de orgulho cívico.

Agentes da polícia montados em camelos não são algo novo na região, a prática tem 100 anos de existência. Os membros deste “corpo de camelos” moderno, foram recrutados dentre nómadas locais, e as autoridades afirmam que têm planos para acrescentar mais 200.

Esta força pode ser relativamente pequena, mas lida com dois problemas que a Mauritània e muitos outros países africanos enfrentam: como incluir os grupos étnicos minoritários na provisão de serviços e como garantir a segurança e oferecer serviços a pessoas em zonas remotas.

“Os Meharistas fazem parte de uma tradição da Mauritània como país. Eles são um dos emblemas do nosso país,” um membro do corpo disse à RFI. “Eu alistei-me porque a nossa missão é nobre. Ir ter com a população de nómadas para sensibilizar, para informá-los e oferecer educação à população que não sabe ler nem escrever. Existem também operações armadas para trazer segurança.”

ISOLADOS E MARGINALIZADOS

O enorme tamanho do continente africano fez com que houvesse um problema que, muitas vezes, é descrito como a “tirania da distância.” Muitos países possuem comunidades rurais étnicas que vivem muito longe dos centros populacionais. Elas, muitas vezes, ficam isoladas por falta de estradas. Estas comunidades e aldeias das zonas recônditas, muitas vezes, recebem muito pouco, em forma



de benefícios e ajuda proveniente do governo central. Por sua vez, estas comunidades chegam a ressentir-se da falta de apoio e protecção, fazendo com que esteja susceptível ao recrutamento por grupos extremistas.

Num estudo de 1997, a Brookings Institution afirmou que virtualmente todos os conflitos africanos tiveram algum tipo de dimensão étnica ou regional ligada a eles.

“Mesmo aqueles conflitos que podem parecer livres de preocupações étnicas envolvem facções e alianças criadas à volta de lealdades étnicas,” noticiou a Brookings. “Os analistas tendem a ter um de dois pontos de vista sobre o papel de etnias nestes conflitos. Alguns consideram as etnias como uma fonte de conflito; outros consideram-nas como uma ferramenta utilizada por actores políticos para promover as suas ambições. Na realidade, são ambos.”

As disputas étnicas até levaram a guerras civis em países como a República Democrática do Congo, Libéria, Ruanda, Somália e Uganda.

ALCANÇANDO OS GRUPOS ÉTNICOS

O corpo de camelos é apenas uma resposta para o problema de como alcançar os grupos marginalizados. Os países que se esforçaram acreditam que leva a uma maior segurança e prosperidade nas regiões afectadas. Uma vez que estas comunidades geralmente se encontram perto das fronteiras, o alcance produz resultados de uma outra forma, transformando grupos hostis em aliados. Estas comunidades fronteiriças podem servir como uma primeira linha de defesa para alertar o governo sobre incursões de extremistas ou de traficantes.

Na Mauritânia, o governo deu um passo adiante, ajudando as comunidades nómadas a criarem novas cidades na parte leste do país, onde podem receber serviços e estabilidade enquanto preservam uma forma de vida tradicional.

A intenção não é abolir o nomadismo — os homens continuam a viver em ambientes seminómadas próximo de seus rebanhos, enquanto as suas famílias estão estabelecidas num lugar, beneficiando de serviços de educação e outras regalias básicas — mas para criar pontos focais e posições possíveis de defender nas imediações da fronteira do Mali,” especialista em combate ao terrorismo saheliano, Anouar Boukhars, escreveu para o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS).

Boukhars disse que esses compromissos estão a trazer resultados. “Esta estratégia de envolvimento comunitário em zonas remotas do deserto tem sido uma componente de extrema importância da abordagem de combate ao terrorismo,” escreveu.

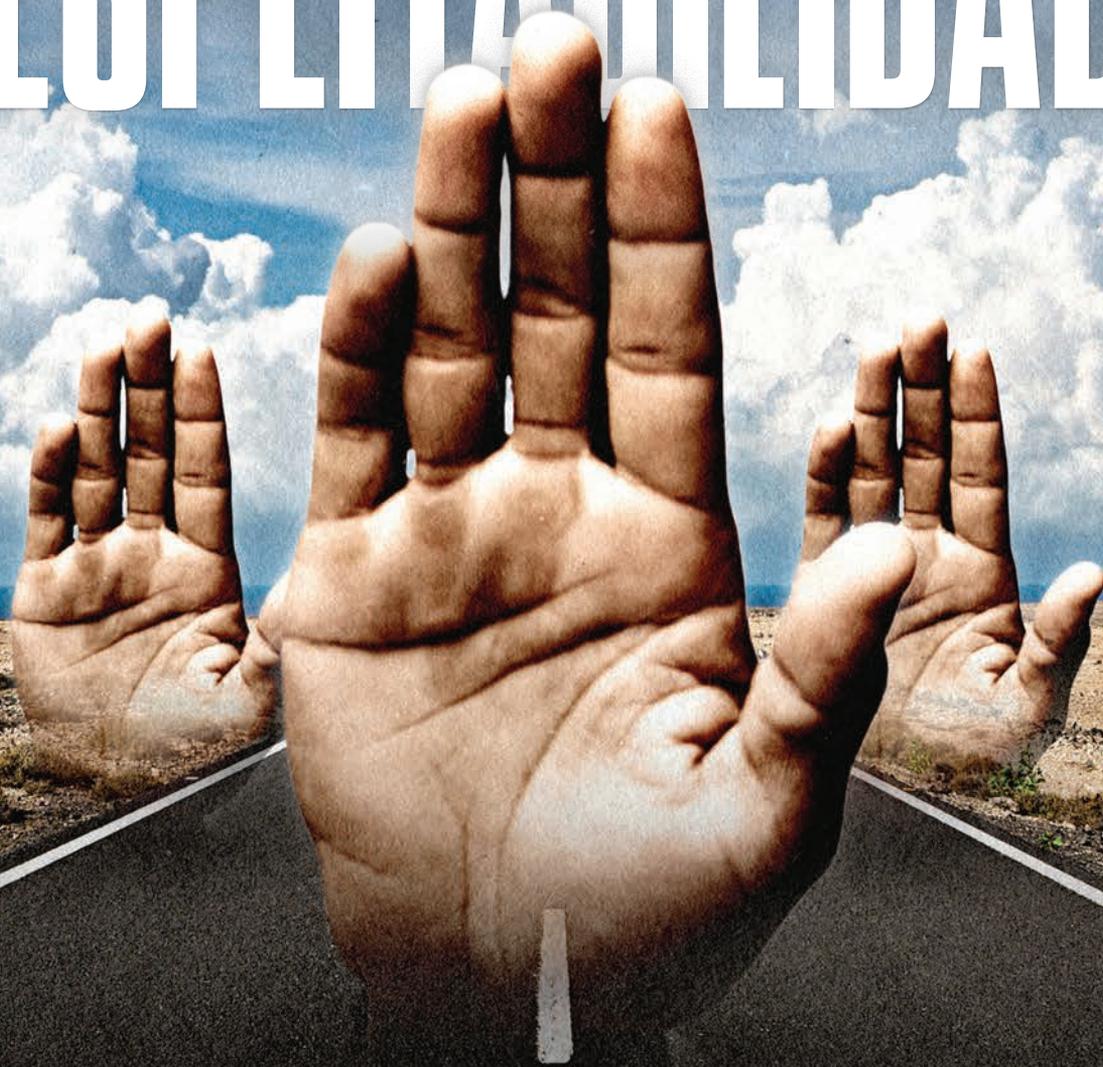
Os embaixadores que montam em camelos naquele país têm planos de continuar a expandir o seu programa para satisfazer as necessidades de mais pessoas que se encontram em risco.

“Onde o Estado não tem qualquer infra-estrutura nas zonas recônditas e isoladas, nós vamos para ajudar em termos de saneamento e educação,” comandante do corpo de camelos, Coronel Abderrahmane El Khalil, disse ao ACSS. □

Um Meharista da Guarda Nacional da Mauritânia faz patrulha em Nema.

AFP/GETTY IMAGES

BLOQUEIOS RESPEITABILIDADE



ESTRUTURAS E COMPORTAMENTOS PODEM IMPEDIR QUE AS FORÇAS DE SEGURANÇA SIRVAM OS SEUS PAÍSES COM EFICÁCIA

EQUIPA DA ADF

Para que o exército de um país seja ético e eficaz, ele deve aderir a certos padrões objectivos. O principal entre eles é a sua pré-disposição para se sujeitar ao governo civil.

Este nem sempre foi o caso dos países africanos desde que a era da independência começou, e alguns países ainda enfrentam dificuldades para satisfazer este padrão básico, mas vital.

Émile Ouédraogo, um coronel reformado do exército do Burkina Faso e professor-adjunto de práticas no Centro de Estudos Estratégicos de África, alista quatro dos principais obstáculos no seu estudo “Avançando o Profissionalismo Militar em África.”

Os obstáculos são os legados coloniais, preconceitos étnicos e tribais, um exército politizado e uma política militarizada e ainda uma falta de capacidade operacional ou de missão. Aqui encontra-se uma breve análise de cada um.

O LEGADO DO COLONIALISMO

Os poderes coloniais inevitavelmente estruturaram as suas colónias para beneficiar a sua administração de governo e garantir a segurança daquele regime bem como gerir as populações de uma forma que preserve a autoridade central.

Tudo, desde a localização das capitais nacionais até à demarcação dos limites fronteiriços, serviu os interesses coloniais.

Da mesma forma, os exércitos e as colónias tinham de garantir a segurança enquanto evitavam a possibilidade de rebelião. Os exércitos da África Ocidental “na sua maioria emergiram de exércitos coloniais que foram criados com os objectivos de conveniências políticas para reprimir resistência indígena e servir os interesses geoestratégicos dos poderes coloniais,” Naila Salihu, oficial de programas e pesquisa no Centro Internacional

de Treinamento em Manutenção da Paz Kofi Annan, escreveu num relatório para o ACCORD.

Na África Ocidental, as minorias étnicas do norte de países como Gana, Nigéria e Togo foram utilizadas para compor os exércitos coloniais, escreveu Ouédraogo. Fazer isso ajudou os poderes coloniais a contrabalançar etnias historicamente mais poderosas, concentradas nas regiões do sul.

Em termos mais simples, os poderes coloniais não tinham interesse na construção de instituições de segurança de longa duração que poderiam promover a justiça, relações civis militares saudáveis e boa governação fora dos objectivos coloniais. De facto, escreve Salihu, as autoridades coloniais britânicas e francesas fizeram exactamente o oposto, mesmo numa altura em que os seus governos estavam a fortalecer as suas instituições democráticas nos seus países.



Tropas provenientes do Níger desembarcam de uma aeronave em Argel, em 1956, enquanto uma aeronave de transporte traz tropas coloniais francesas da África Ocidental para a Guerra de Independência da Argélia. AFP/GETTY IMAGES

Apesar disso, alguns países emergiram do governo colonial com a capacidade de estabelecer instituições de segurança saudáveis.

“É digno de observar que países como Senegal, que foram capazes de reorganizar o seu exército e institucionalizar as suas relações civis-militares, foram capazes de manter o governo civil,” escreveu Salihu. “Outros países, como Gana, foram incapazes de o fazer e ficaram emaranhados num ciclo de golpes e contragolpes nas primeiras três décadas da independência.”



Um manifestante oferece flores aos soldados tunisinos, em Janeiro de 2011. Soldados na Tunísia recusaram-se em estar entre o público e o regime do então Presidente Zine El Abidine Ben Ali, que fugiu do país. GETTY IMAGES



PRECONCEITOS ÉTNICOS E TRIBAIS

Este obstáculo é aparente em regimes em que os presidentes formam um exército primariamente composto por membros da sua própria etnia ou tribo.

A prática é conhecida como “empilhamento étnico” e pode ter consequências graves para um país, mesmo pelo facto de que fortalece líderes autocráticos.

“Desde a descolonização, preocupados com a possibilidade de tentativas de golpes de Estado e insurgências étnicas, muitos líderes continuaram a depender do recrutamento e da promoção de co-etnias para controlar o exército e garantir a sua lealdade,” Kristen Harkness escreveu no estudo “A Base de Dados do Empilhamento Étnico em África: Quando os líderes utilizam identidade característica para criar lealdade militar.”



Presidente de Moçambique, Filipe Nyusi, aceitou a ajuda de uma força regional para lidar com uma insurgência no norte. AFP/GETTY IMAGES

O empilhamento pode prevenir golpes e fortalecer regimes a curto prazo, mas excluir certos grupos também leva a instabilidades generalizadas que resultam em manifestações, insurgências e rebeliões étnicas, de acordo com Harkness. Os membros do exército que servem em sistemas como estes “comportam-se de forma diferente para com protestantes e rebeldes provenientes de grupos de fora, moldando práticas de direitos humanos, vigilância, repressão e outros repertórios de violência estatal,” escreveu Harkness.

Práticas de promoção injusta num exército empilhado etnicamente podem prejudicar a eficácia de combate. Quando o exército está diversificado e reflecte o país que serve, tende a ser mais eficaz.

“Um exército composto por tropas das comunidades distribuídas pelo país, por outro lado, pode criar uma fundação forte sobre o qual um Estado democrático pode ser construído,” escreveu Ouédraogo. “Uma força diversificada também cria condições favoráveis para a profissionalização das forças armadas, visto que é mais provável que as promoções sejam meritórias do que baseadas em etnias, a lealdade seria para



com o país como um todo em vez de uma etnia em particular.”

EXÉRCITOS POLITIZADOS

Este fenómeno surge quando os líderes dependem das forças de segurança em vez da população civil para obter apoio. Às vezes, certos elementos do aparelho de segurança nacional podem tornar-se tão favorecidos pelos governantes ou partidos no poder e receberem mais financiamento, equipamento e formação do que outros subgrupos dentro das forças armadas.

A precariedade desta prática foi demonstrada na Costa do Marfim, com início em 1960, quando Félix Houphouët-Boigny, o primeiro presidente do país, começou os seus 33 anos no poder. Ele reduziu o tamanho do exército e formou uma milícia leal ao seu partido, composta maioritariamente por pessoal do seu próprio grupo étnico. A sua manipulação, escreveu Ouédraogo, resultou em que alguns oficiais recebessem salários mais elevados do que outros funcionários públicos, cargos no partido e outros privilégios, preparando o caminho para uma futura instabilidade que resultaria numa catástrofe.

Quando Houphouët-Boigny morreu, em 1993, Henri Konan Bédié, assumiu o poder “com a ajuda de alguns oficiais da gendarmaria que pertenciam à sua tribo,” um

Rebeldes Seleka tomaram a capital da República Centro-Africana, Bangui, em 2013. Os conflitos internos são indicativos dos tipos mais comuns enfrentados por exércitos africanos. AFP/GETTY IMAGES

acto sem precedentes que posicionou o mesmo grupo para ajudar a colocar Laurent Gbagbo no poder, no ano de 2000.

Contudo, anos mais tarde, na Tunísia, sob o governo do Presidente Zine El Abidine Ben Ali, a mesma dinâmica parece ter produzido um resultado contrário. Durante a rebelião da Primavera Árabe, de 2011, as forças armadas daquele país, compostas por 40.000 homens fortes, ficaram desligadas do regime de Ben Ali, que, pelo contrário, favorecia a força da polícia nacional e os guardas presidenciais e nacionais.

Quando os protestantes civis saíram às ruas, os soldados e os seus comandantes recusaram-se a colocar-se entre os protestantes e Ben Ali. Ele fugiu do país, e um movimento longo, complicado e frágil em direcção à democracia começou.

FALTA DE MISSÃO E CAPACIDADE OPERACIONAL

Os exércitos profissionais são educados, bem treinados, suficientemente equipados e possuem orientações claras sobre a sua missão e objectivos. A prontidão para a

Senegal é um dos países que foram capazes de criar um exército forte depois do governo colonial. AFP/GETTY IMAGES



missão depende amplamente de estruturas de comando e controlo e de relações civis-militares saudáveis.

Como exemplos, Ouédraogo indica para o rápido colapso das forças de segurança do Mali quando atacadas por extremistas islamitas, em 2012, e a facilidade com que as forças rebeldes Seleka assumiram a capital, Bangui, na República Centro-Africana, um ano depois. Potenciais explicações desses fracassos são lacunas na cadeia de comando que levam a uma falta de disciplina, falta de supervisão das aquisições, baixo moral e “uma missão desalinhada ou obsoleta.”

As lacunas na cadeia de comando podem levar a que recrutas das bases cometam crimes que ficam impunes, deixando a impressão de que os soldados estão acima da lei, escreveu Ouédraogo. Por exemplo, na Costa do Marfim de Gbagbo, no ano de 2000, militares leais a Gbagbo mataram civis que contestavam a sua eleição. Eles não foram responsabilizados.

Os exércitos africanos também são conhecidos por serem muito pesados na sua liderança. Ouédraogo indica que antes de 2012, o exército do Mali tinha um general para cada 400 soldados, enquanto uma brigada de infantaria típica da NATO compreende aproximadamente 3.200 a 5.500 tropas e é geralmente comandada por apenas um brigadeiro-general ou um coronel sénior. Esta “inflação de oficiais” pode pressionar os orçamentos e frustrar

aqueles que percebem a falta de mérito na promoção, levando a uma falta de disciplina ou baixo moral.

Geralmente, os exércitos são formados para proteger contra ameaças estrangeiras, entretanto este não é o perfil da maior parte dos conflitos africanos. Os exércitos africanos são mais propensos a enfrentarem ameaças internas, como insurgências de extremistas no Mali, norte de Moçambique, norte da Nigéria e Somália, por exemplo.

“O ocidente possui este modelo de um exército disciplinado, neutro, que não interfere, independente da política doméstica,” Jakkie Cilliers, fundador e membro do conselho do Instituto de Estudos de Segurança, disse à revista *Foreign Policy*. “Mas o modelo africano é de um exército que é utilizado internamente e é parte e parcela de políticas domésticas e alocação de recursos.”

Estas insurgências domésticas chamam atenção para a desconexão entre o mandato do exército e as ameaças mais prevalentes, escreveu Ouédraogo.

“As forças de segurança africanas, por conseguinte, devem tornar-se claramente mais competentes e profissionais de modo a prevalecer,” escreveu. “A menos que os líderes africanos identifiquem uma missão clara para as suas instituições de segurança e incorporem isso nos seus processos de planificação estratégica, serão incapazes de capacitar e treinar as suas tropas para os verdadeiros desafios de segurança que enfrentam.” □



TIM
ELEVADO
PREÇO
A 5
PAGAR

As Ligações do Grupo Wagner Podem Levar a Uma Perda de Reputação e Riquezas

EQUIPA DA ADF

Existe um novo grupo armado que causa terror entre a população do Mali.

Os combatentes falam uma língua estranha. Eles não são parecidos com os residentes locais. Convergem para as aldeias acompanhados de soldados malianos. A sua missão aparente é ajudar a eliminar uma variedade de grupos terroristas persistentes.

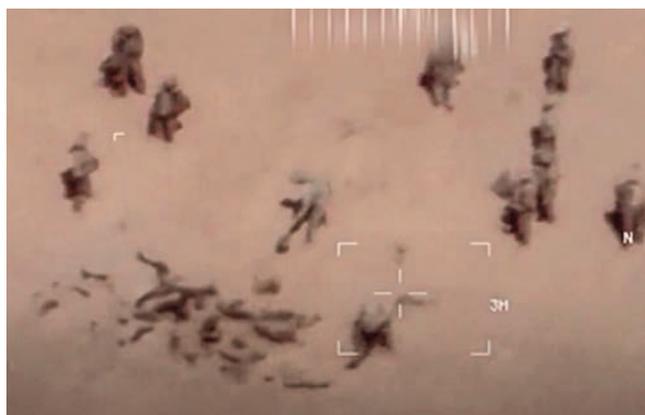
O seu registo histórico em toda a África, contudo, é de violência criminal, incompetência e exploração económica. Agora ganharam uma reputação por matar civis malianos com impunidade.

Eles são membros do Grupo Wagner, uma famosa empresa de mercenários russos que já teve soldados no terreno na República Centro-Africana, Líbia, Moçambique e Sudão. O seu legado é de armadilha e atrocidades civis. A sua incursão descoordenada na província nortenha de Cabo Delgado, em Moçambique, em Setembro de 2019, levou a uma derrota causada por insurgentes naquele ponto e uma retirada vergonhosa depois de cerca de dois meses. Eventualmente foram substituídos por uma força multinacional africana mais eficaz.

Agora entraram para o Mali sob um acordo com o governo militar no poder, pouco depois que as forças francesas, que operavam sob a Operação Barkhane, seguiram em frente com a sua retirada.

O acordo é o mais recente que foi celebrado entre as forças do Grupo Wagner e um governo africano, em que o Grupo Wagner oferece segurança e treinos militares em troca de direitos a valiosos recursos naturais — neste caso, o ouro do Mali. Mas o resultado provavelmente venha a ser o mesmo: o Mali será deixado em caos, relações civil-militar destruídas e alienação pelas comunidades regional e global. No processo, terá entregado riquezas que poderiam ajudar a garantir o seu futuro económico.

Um grupo que não se sente seguro com este novo acordo são os civis malianos. “Estou aterrorizado por causa dos extremistas,” um comerciante de gado maliano disse ao The Washington Post, em Maio de 2022. “Estou aterrorizado por causa do exército maliano



Estas imagens de vídeo exibem combatentes que se pensam ser mercenários do Grupo Wagner, da Rússia, a enterrarem corpos, próximo de uma base do exército, no norte do Mali.

THE ASSOCIATED PRESS

e estes soldados brancos. Nenhum lugar é seguro.”

COMO OPERA O GRUPO WAGNER?

Enquanto o ano de 2021 acabava, Mali recebeu 800 a 1000 combatentes do Grupo Wagner. Raphael Parens, um investigador que escreveu para o Instituto de Pesquisa de Políticas Estrangeiras, em Março de 2022, indicou que o Grupo Wagner seguiu o mesmo plano de jogo no Mali que executou em outros lugares de África. A estratégia da empresa militar privada possui três componentes:

- O grupo espalha desinformação e mensagens pró-governo, como contramanifestações e votações falsas. Em 2019, a campanha de desinformação do Grupo Wagner, no Sudão, tentou manter o então presidente, Omar al-Bashir, no poder.
- O Grupo Wagner define os pagamentos por seus serviços através de concessões mineiras, como a mineração do ouro e outros metais preciosos. O Mali possui depósitos significativos de ouro.
- O grupo cria relações com o exército nacional

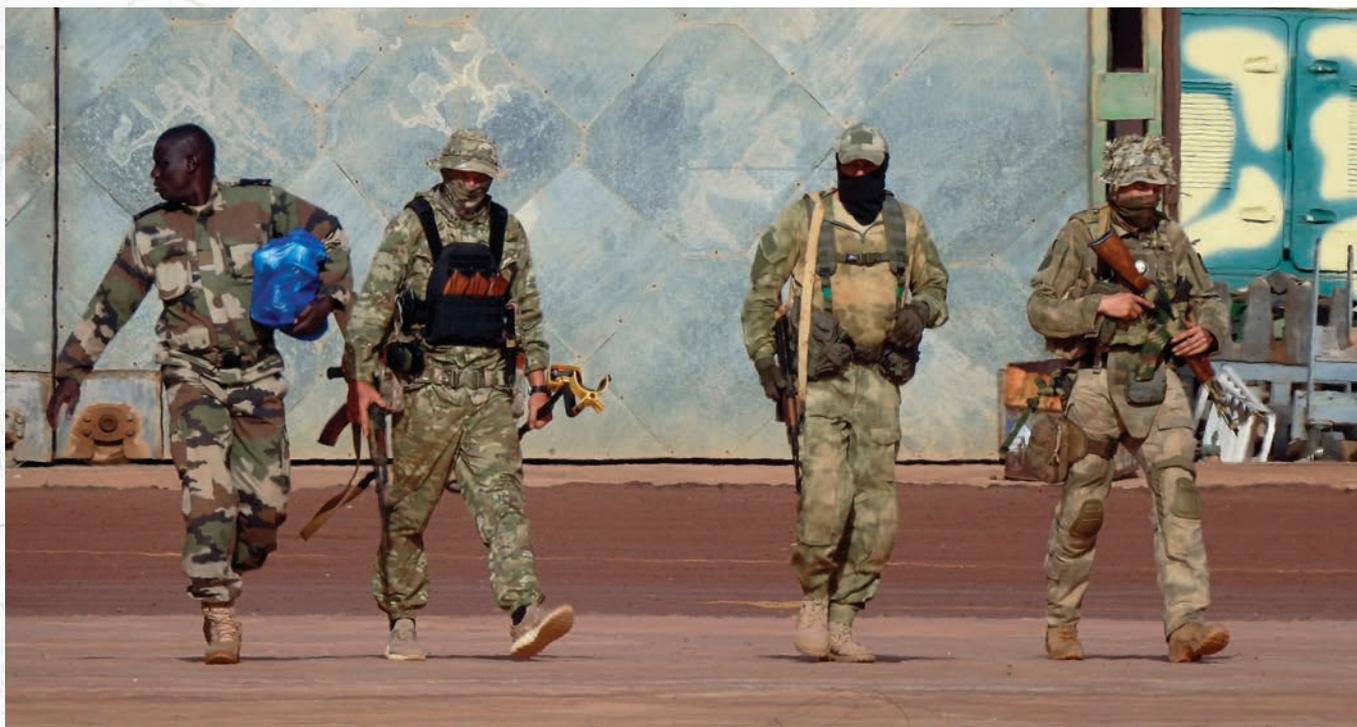
“

“Os mercenários russos obtêm lucros a partir das minas de diamante da RCA, enquanto aconselham os líderes daquele país. ... a paz parece menos provável do que nunca num futuro próximo.”

— Geopolitical Monitor



Um camião do Grupo Wagner da Rússia encontra-se parqueado na base do Exército da República Centro-Africana, em Bangassou, que foi saqueada num ataque rebelde, em Janeiro de 2021. AFP/GETTY IMAGES



através de consultorias, treinos, segurança pessoal e operações de combate aos insurgentes.

Na RCA, o Grupo Wagner realiza a maior parte das consultorias e formações militares. O grupo também garante segurança pessoal para o Presidente Faustin-Archange Touadéra. Em troca, a RCA concedeu à Rússia direitos de exploração mineira e permite que ela estabeleça a rádio e os jornais na capital Bangui, de acordo com um relatório do Geopolitical Monitor, uma publicação online internacional de inteligência.

“Ao longo de todo o processo, o envolvimento do estabelecimento da política estrangeira russa é claro, particularmente como o beneficiário de relações de exército para exército, com um novo potencial Estado-cliente,” escreveu Parens.

A SITUAÇÃO NO SAHEL

Enquanto a crise no Mali entra no seu 10º ano, a violência no Sahel aumentou em 70%, de 2020 para 2021. As mortes aumentaram em 17%. Grupos de militantes, nomeadamente aqueles com ligações com o al-Qaeda e com o Grupo do Estado Islâmico, continuam os seus ataques no Mali e no vizinho Burquina Faso, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos de África (ACSS).

Pouco depois da sua chegada, o Grupo Wagner estabeleceu uma base próximo do Aeroporto Internacional Modibo Keita, na capital Bamako, próximo da Bases Aérea 101, do Mali. Os mercenários em pouco tempo espalharam-se para o centro do Mali. Existem indicações de que até 200 tropas podem estar estacionadas em Ségou e outros foram enviados para Tombuctu, de acordo com o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais.

Três combatentes do Grupo Wagner, da Rússia, à direita, encontram-se entre os aproximadamente 1.000 homens estacionados no Mali, desde finais de 2021. Os mercenários e as suas contrapartes do exército do Mali foram acusados de violações flagrantes de direitos humanos. THE ASSOCIATED PRESS

Em Março de 2022, o Grupo Wagner e soldados do Mali convergiram para a aldeia de Moura via helicóptero. O objectivo declarado era de combater insurgentes, mas durante um cerco de cinco dias, os malianos e os russos “saquearam casas, mantiveram residentes das aldeias em cativeiro no leito de um rio seco e executaram centenas de homens,” o The New York Times comunicou depois de falar com testemunhas, activistas do Mali e funcionários ocidentais. Alguns foram mortos sem terem sido interrogados. Muitos deles eram jovens. Os mercenários roubaram jóias e levaram os telemóveis para impedir que as pessoas gravassem as suas atrocidades.

Um relatório das Nações Unidas afirmou que mais de 500 civis morreram nas mãos de forças armadas e insurgentes, de Janeiro a Março de 2022 — um aumento de 324% em relação ao trimestre anterior.

Os residentes locais contaram à al-Jazeera sobre os soldados brancos que saquearam, atacaram e mataram pessoas. “Muitas vezes, eles atacam as pessoas que tentam escapar,” disse uma pessoa, na região rural dos arredores de Tombuctu. “Se tentares fugir, eles matam-te sem saber quem és.”

Este tipo de ataques e o terror que causam estão por detrás do aumento do número de refugiados que procuram por segurança na Mauritânia em direcção ao oeste. Desde finais de 2021, o acampamento de refugiados de Mbera, daquele país, viu a sua população aumentar para 80.000 pessoas, com quase 7.000



tendo chegado apenas em Março e Abril de 2022, comunicou a Al-Jazeera.

“Muitos, muitos relatórios e muitas pessoas que entrevistamos falaram sobre o exército, afirmando que era mais violento,” Ousmane Diallo, um investigador que trabalha para a Amnistia Internacional, a partir em Dakar, Senegal, disse à Al-Jazeera. Ele disse que o aumento da violência começou “desde a chegada do Grupo Wagner.”

“Existe um novo elemento. Os abusos e as violações perpetrados pelo exército do Mali não são novos, mas a escala e a brutalidade aumentaram desde Janeiro de 2022 e isso é algo que simplesmente não pode ser dispensado.”

CAOS E FALTA DE SUCESSO

As forças do Grupo Wagner sempre entram num país prometendo melhor segurança contra os insurgentes, mas os seus resultados, muitas vezes, não logram sucesso em África, de acordo com Geopolitical Monitor.

No norte de Moçambique, as forças do Grupo Wagner rapidamente sentiram-se incapacitadas com o ambiente que os cercava, os seus aliados e os seus inimigos. O terreno denso da região fez com que muito do equipamento de alta tecnologia do Grupo Wagner, como helicópteros, ficasse obsoleto. A sua falta de compreensão da cultura e da língua locais, a sua falta de confiança nos soldados moçambicanos e as violentas táticas assimétricas do grupo insurgente, Ansar al-Sunna, rapidamente colocaram os mercenários russos em posição desfavorável.

“Os soldados do Grupo Wagner também sofreram um ataque surpresa, quando os insurgentes entraram no seu acampamento vestidos de uniforme do exército

Trabalhadores da desminagem da Líbia examinam caixas de minas desmanteladas e remanescentes de munições recuperadas, deixadas para trás pelas forças do Grupo Wagner e suas contrapartes. AFP/GETTY IMAGES

moçambicano,” de acordo com uma reportagem de Novembro de 2019, do jornal sul-africano, Daily Maverick. “Isso tinha causado uma profunda falta de confiança do Grupo Wagner perante o exército nacional e fez com que os russos parassem de fazer patrulhas conjuntas com soldados moçambicanos.”

Depois de os ataques terem causado a morte de pelo menos 11 combatentes e ferido outras duas dezenas, o Grupo Wagner ficou farto e bateu em retirada apressadamente.

Entretanto, na RCA, uma guerra civil que dura há 10 anos continua apesar da presença do Grupo Wagner. Na realidade, até cerca de 80% do país encontra-se sob controlo de rebeldes, de acordo com a Fundação Jamestown.

“Os grupos de milícias continuam a atacar o governo e uns aos outros enquanto as divisões religiosas e étnicas complicam qualquer possibilidade de paz na região,” de acordo com Geopolitical Monitor. “Enquanto isso, os mercenários russos obtêm lucros a partir das minas de diamante da RCA, enquanto aconselham os líderes daquele país. Apesar de garantir uma influência acrescida para a Rússia na RCA, as forças do Grupo Wagner fracassaram [em] trazer qualquer vitória decisiva na guerra civil para o governo de Touadera. Muito pelo contrário, a paz parece menos provável do que nunca num futuro próximo e os mercenários continuam estacionados em Bangui com

pouca supervisão internacional.”

A eficácia em campo de batalha das forças do Grupo Wagner também é suspeita. Mark Galeotti, um especialista em matérias de segurança russa, disse ao *The Moscow Times*, um site de notícias independente, escrito em língua inglesa, que o baixo custo do Grupo Wagner, as ligações com Kremlin e os “serviços de apoio ao regime,” fazem com que este grupo seja uma opção atractiva.

Contudo, desde que lutou para anexar a Crimeia pela Rússia, em 2014, e um ano mais tarde, em apoio às forças do Presidente Bashar al-Assad, na Síria, o grupo de mercenários cresceu significativamente.

“Eles claramente tiveram de expandir, comparando-se com os seus primeiros dias na Síria e também têm de fazer lucro,” disse Galeotti. “Isso significa que devem ser menos mesquinhos quando se trata de escolha de recrutas. Eles estão cada vez mais a operar em teatros onde não possuem muita experiência.”

Líbia oferece um dos exemplos mais flagrantes da pouca consideração do Grupo Wagner para com as vidas de civis. Enquanto ajudavam as forças do Exército Nacional da Líbia (LNA), do Marechal de Campo líbio, Khalifa Haftar, na guerra civil daquele país, eles deixaram minas terrestres, dispositivos explosivos improvisados e bombas-armadilhas nos bairros. Uma mina foi colocada numa bola de futebol. Uma outra foi colocada por baixo de um cadáver.

O relatório de Junho de 2022 das Nações Unidas concluiu que as minas terrestres e outros explosivos, na Líbia, mataram 130 pessoas e feriram outras 196 entre Maio de 2020 e Março de 2022, no sul de Trípoli, Benghazi, Sirte e outros lugares. As vítimas variam em idades desde os 4 a 70 anos e eram na maioria homens e rapazes.

O relatório afirmava que as minas terrestres “e outros engenhos explosivos não detonados tinham sido encontrados em 35 locais marcados numa tabuleta deixada para trás pela empresa militar privada Grupo Wagner, em Ain Zara, em locais que tinham estado sob o controlo do LNA e nos quais o pessoal do Grupo Wagner tinha estado presente nessa altura.”

“O Grupo Wagner acrescentou ao legado mortífero das minas e das bombas-armadilhas espalhadas pelos bairros de Trípoli que fez com que fosse perigoso que as pessoas regressassem às suas casas,” Lama Fakih, director da Human Rights Watch para o Médio Oriente e o Norte de África, disse na página da internet do grupo. “É necessário que seja feito um inquérito internacional credível e transparente para garantir justiça para os muitos civis e trabalhadores de desminagem mortos e mutilados injustamente por essas armas.”

UMA RELAÇÃO DISPENDIOSA

Alinhar-se com a Rússia, através do Grupo Wagner, pode ser dispendioso em termos de riqueza nacional e reputação. A Reuters noticiou que o Mali está a pagar ao Grupo Wagner 10,8 milhões de dólares por



Um trabalhador da desminagem turco entra numa casa marcada com um aviso de minas, numa zona a sul de Trípoli, Líbia, em 2020. AFP/GETTY IMAGES

mês pelos seus serviços. Os relatórios também deixam claro que o Grupo Wagner possui intenções com a riqueza mineral do Mali, ao manter as suas operações em outros lugares do continente.

Muitos dos aliados tradicionais do Mali condenaram o acordo daquele país com o Grupo Wagner. Em Dezembro de 2021, a União Europeia impôs sanções, congelamento de bens e proibições de viagem contra oficiais conhecidos do Grupo Wagner. Em Fevereiro de 2022, a UE impôs sanções contra cinco membros da junta no poder no Mali.

Os países africanos que mais acolhem a influência da Rússia “tendem a exibir as suas próprias versões de modelo de governação autoritário e transicional da Rússia,” Director de Pesquisa do ACSS, Joseph Siegle, escreveu para o Instituto Italiano de Estudos Políticos Internacionais, em Maio de 2022. Eritreia, Sudão e Zimbabwe encaixam-se nesta descrição.

Quando a legitimidade dos líderes é questionável, o acréscimo de esforços da Rússia para ganhar influência combina para produzir um ambiente “inerentemente desestabilizador,” escreveu Siegle. O resultado é um sistema que serve os interesses elitistas em prejuízo dos civis.

Adoptar o ponto de vista do Presidente Vladimir Putin de ordem internacional apresenta implicações assustadoras para os países africanos, especialmente à sombra da invasão sem provocação da Rússia na Ucrânia. “Imagine se um país africano maior declarar que o seu país vizinho mais pequeno nunca realmente existiu como uma entidade soberana independente,” escreveu Siegle. O modelo ameaça os princípios de governação estabelecidos na Carta da ONU.

“Embora a ordem internacional actual, baseada na ONU, esteja longe de ser perfeita, ela fornece uma base legal e colectiva para que as vozes dos cidadãos africanos sejam ouvidas, os direitos humanos sejam protegidos e os governos sejam responsabilizados,” escreveu Siegle. “A alternativa é que cada país — e cada indivíduo — esteja sozinho.” □



Um manipulador faz passar um cavalo árabe durante um leilão de cavalos jovens em Alim dar Racecourse, na cidade oeste de Mísrata, Líbia. SOPA IMAGES

Apesar de Anos de Conflito, **O AMOR DOS LÍBIOS POR CAVALOS CONTINUA**

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Na Líbia, apesar de anos de violência e rebelião, um amor nacional por cavalos continua inalterado.

Um show de cavalos, de Maio de 2022, em Misrata, atraiu líbios provenientes de todos os cantos do país e ao longo de três dias 96 dos cerca de 150 cavalos trocaram de proprietários.

“Havia cavalos provenientes do oeste, leste e sul — de cada cidade do país,” disse Hussein Shaka, um dos organizadores.

O hipismo ocupa um lugar de proeminência na Líbia, assim como em outras partes do mundo árabe, com corridas de cavalo, shows e desfiles semanais. Os entusiastas de cavalos líbios mantiveram as suas tradições vivas, incluindo a arte de fazer selas e arreios — e criar cavalos com pedigree.

“Apresento-vos o Labaris,” disse um leiloeiro enquanto um garanhão castanho preparado com todo o cuidado era guiado ao redor do recinto do show.

Possíveis compradores na plateia repleta de homens seguravam placas de madeira com números para apresentarem os seus lances. O preço mais elevado de 8.000 dólares foi para uma égua esbranquiçada que, de acordo com o leiloeiro, “já correu em 21 corridas na França, terminando em primeiro, segundo e terceiro lugares.”

Dezenas de compradores sentavam-se em cadeiras plásticas de cor branca ao redor do recinto do show cheio de sol, enquanto o leiloeiro exaltava as virtudes dos cavalos do show, a partir de um pequeno palco.

O primeiro dia foi reservado para pôneis e crias, o segundo para éguas e o último para garanhões. O catálogo do leilão incluía pedigrees ingleses e árabes de raças puras, famosos pela sua beleza, velocidade e resistência.

“Devia-se encorajar os leilões na Líbia, para melhorar as raças de cavalos europeias assim como as raças locais,” disse o criador Ali al-Himaidi.

— CARNAVAL DO POPO DA COSTA DO MARFIM —

CONTINUA A CRESCER

EQUIPA DA ADF

Os organizadores do Carnaval do Popo, da Costa do Marfim, que decorre anualmente, possuem grandes ambições. Eles esperam que este venha a crescer para equipar-se ao Carnaval do Rio de Janeiro, Brasil, considerado o maior evento no mundo, desta natureza.

O Carnaval do Rio atrai 2 milhões de pessoas anualmente. O Carnaval do Popo, afirmam os organizadores, agora atrai mais de um milhão de pessoas anualmente, provenientes de todo o mundo. Este carnaval decorre em Bonoua, a cerca de 50 km a leste da capital económica da Costa do Marfim, Abidjan.

O festival é uma celebração da tribo Aboure, um dos muitos grupos étnicos daquele país da África Ocidental. Alguns dos grupos, incluindo o Aboure, ainda têm reis e rainhas que desempenham um papel tradicional nas suas comunidades. Popo significa “máscara” na língua Aboure e as pessoas usam máscaras durante partes do festival.

O rei Aboure age como o chefe de sete aldeias. O ponto mais elevado do carnaval é o desfile que conta com a chegada do rei, que veste uma coroa de ouro e um manto cumprido. Ele é acompanhado por homens que tocam tambores e sopram chifres de touros, comunicou a Reuters.

O carnaval também inclui um jogo de futebol, dias de desporto, concursos de culinária, concursos de beleza e várias apresentações teatrais. As encenações são destinadas a manter o património histórico e cultural do povo Aboure vivo e lembrá-los daquilo que eles conquistaram ou perderam.

“É um período de avaliação para ver se não perdemos nada do que os nossos pais nos deixaram,” Jean Oba, comissário honorário do festival,” disse à Reuter.



REUTERS



THE ASSOCIATED PRESS

Maratonistas da África Oriental **DOMINAM OS CAMPEONATOS MUNDIAIS**

EQUIPA DA ADF

Na maratona de atletismo em femininos do Campeonato Mundial, em Julho de 2022, a atleta etíope, Gotytm Gebreslase, venceu a medalha de ouro, com um tempo recorde de 2 horas, 18 minutos e 11 segundos.

Gotytm Gebreslase, da Etiópia, à esquerda, e Judith Jeptum Korir, do Quênia, competem na prova de femininos da maratona do Campeonato do Mundo de Atletismo, no dia 18 de Julho de 2022.

No dia seguinte, o etíope Tamirat Tola venceu a maratona em masculinos, com um tempo de 2:05:36. O conterrâneo de Tola, Mosinet Geremew, venceu a medalha de prata, terminando com um minuto e 8 segundos atrás de Tola.

Os resultados das corridas dos dois dias não foram uma surpresa. Os atletas da África Oriental consistentemente têm estado entre os melhores maratonistas do mundo, desde que o etíope Abebe Bikila venceu a corrida em masculinos dos Jogos Olímpicos de Verão de 1964.

Assim como os etíopes, os atletas quenianos tendem a dominar em maratonas em todo o mundo. De acordo com a BBC, os melhores atletas do mundo são provenientes de três distritos montanhosos próximos do Vale do Rift, em África: Nandi, no Quênia, e Arsi e Shewa, na Etiópia.

No Campeonato do Mundo de 2022, Gebreslase permaneceu perto da líder, a queniana Judith Jeptum Korir. O Washington Post noticiou que Korir manteve-se a olhar pelo ombro e a gesticular para que Gebreslase assumisse a sua vez de liderar, permitindo que as duas atletas conservassem a sua energia.

Quando Gebreslase finalmente passou para a liderança, ela nunca mais devolveu. Ela terminou 9 segundos em frente de Korir. Lonah Chemtai Salpeter, uma atleta originária do Quênia, que representou Israel, ganhou a medalha de bronze.

“Os atletas etíopes são muito rápidos,” disse Korir ao Post. “Não é fácil ... correr com elas, mas eu tentei o meu máximo.”

Empresas Africanas Afirmam Que Estão Preparadas Para Fornecer à ONU

DEFENCEWEB

As empresas de defesa africanas afirmam que são capazes de preencher a lacuna para fornecer bens e serviços às Nações Unidas para apoiar as missões no continente e não só.

Sandile Ndlovu, PCA do Conselho de Exportação da Associação das Indústrias do Espaço Aéreo, Marítimas e de Defesa da África do Sul, disse que a ONU gasta bilhões anualmente em bens e serviços que podem ser fornecidos por empresas do continente. Pode haver uma necessidade em particular de cargas aéreas, uma vez que a guerra na Ucrânia fez com que houvesse apelos para que a ONU cancelasse os seus contratos com empresas de aviação russas.

“A maioria das missões de manutenção da paz da ONU estão em África — isto, por conseguinte, devia idealmente colocar as empresas africanas numa melhor posição para beneficiarem destas oportunidades,” disse Ndlovu. “Mas este nem sempre foi o caso.”

Ndlovu e outros participaram na Cimeira de Aquisições da ONU, no dia 24 de Junho de 2022, no Conselho de Pesquisa Científica e Industrial em Pretória, onde esperavam por informação e ligações que iriam levar a oportunidades de negócio.

Por sua vez, a ONU expressou interesse em fazer mais negócios com fornecedores africanos. Christian Saunders, assistente do secretário-geral da ONU para a gestão da cadeia de fornecimento, disse que os gastos da ONU em bens e serviços da manutenção da paz atingem um total de 6 bilhões de dólares por ano.

“Compramos milhares de coisas diferentes anualmente,” disse. “Pensamos que a comunidade empresarial da África do Sul tem muito mais para oferecer. Compramos tudo, desde produtos alimentares até transporte, serviços de aviação, combustível.”

Ele disse que as empresas sul-africanas recebem cerca de 40 milhões de dólares por ano em contratos, mas existe espaço para o crescimento. “Nós realmente gostaríamos de explicar-vos as oportunidades de aquisição da ONU para empresas sul-africanas e ver se podemos ter alguma correspondência e fazer mais negócios com elas no futuro.”

Uma aeronave de carga da ONU efectua a entrega de veículos blindados e outro equipamento para a missão de manutenção da paz na República Centro-Africana.

LÍDERES MILITARES LIBERIANOS INTEGRADOS NO HALL DA FAMA

UNIVERSIDADE DO EXÉRCITO

Dois líderes militares da Libéria foram admitidos para o Hall da Fama Internacional do Colégio de Comandos e de Estado-Maior dos EUA (CGSC).

O Ministro da Defesa da Libéria, Major-General Daniel Dee Ziankahn (Reformado), e o Chefe de Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, Major-General Prince Charles Johnson III, receberam a honra durante uma cerimónia de Maio de 2022, em Fort Leavenworth, Kansas. Ambos concluíram um curso de um ano no colégio, no início de suas carreiras.

Ziankahn, da turma de 2011, serve como Ministro da Defesa da Libéria desde 2018. Obteve o grau de Mestrado em Artes e Ciências Militares e a sua tese foi a segunda melhor da sua turma. Ele juntou-se aos outros ao chamar aquele ano de “o melhor ano da minha vida,” dizendo que o preparou para os desafios que enfrentou na sua carreira.

“A minha admissão é uma honra que devo a esta própria instituição que fez com que eu fosse aquilo que sou hoje,” disse Ziankahn. “Com certeza, estou orgulhoso do meu pedigree do CGSC.”

Johnson, da turma de 2012, disse aos participantes na cerimónia que confiou nas lições que aprendeu no colégio, numa altura em que a sua região enfrenta uma grande variedade de ameaças. “O futuro tem muito guardado para nós se estivermos preparados e trabalharmos diligentemente,” disse. “O meu actual cargo como chefe do exército da Libéria não tem sido um mar de rosas.”

Ele espera poder ajudar a Libéria a permanecer firme como um pilar de estabilidade na África Ocidental. “A região da África Ocidental tem enfrentado insurgência, crimes marítimos, ataques terroristas, golpes de Estado militares e instabilidade civil,” disse Johnson. “Em meio a todos estes desafios, as Forças Armadas da Libéria e outros exércitos da região continuam a ater-se aos princípios da democracia.”

Estudantes militares internacionais treinam em Fort Leavenworth desde 1894. O Hall da Fama Internacional do CGSC foi criado em 1973. Para ser nomeado para o Hall da Fama, um oficial deve ser graduado pelo colégio e ter obtido, por mérito, um cargo de líder das forças armadas ou de defesa do seu país.

UNIVERSIDADE DO EXÉRCITO





EUA COMPROMETEM-SE A AJUDAR A RECONSTRUIR A PROVÍNCIA MOÇAMBICANA DE CABO DELGADO

EQUIPA DA ADF

Os EUA irão fornecer 14 milhões de dólares por ano durante a próxima década para ajudar a reconstruir as áreas de Moçambique afectadas pelo terrorismo.

A Subsecretária de Estado dos EUA para Assuntos Políticos, Victoria Nuland, anunciou o financiamento numa conferência de imprensa, em Maputo, em Junho de 2022.

“Esta soma irá permitir que o governo dos Estados Unidos trabalhe na reconstrução de Cabo Delgado e no resto do país e na formação de jovens para o emprego, desencorajando-os de serem recrutados por terroristas,” explicou Nuland.

Nuland disse que os EUA irão também enviar 40 milhões de dólares para a segurança alimentar, particularmente para Cabo Delgado.

O programa de 10 anos faz parte da Lei de Fragilidade Global (GFA) aprovada pelo Congresso dos EUA, em 2019, para apoiar algumas das regiões mais afectadas por conflitos no mundo. O programa irá fornecer um apoio de 10 anos para Haiti, Moçambique, Papua-Nova Guiné e a região costeira da África Ocidental (Benin, Costa do Marfim, Gana, Guiné e Togo).

A GFA tem em vista a promoção de estabilidade, trabalhando com grupos locais e fortalecendo instituições.

O objectivo é trazer uma abordagem de “todo o governo” dos EUA para apoiar Moçambique.

“A planificação visa garantir uma mistura coordenada de forças e experiência do governo dos EUA com o governo de Moçambique, organizações internacionais de desenvolvimento,

doadores internacionais, organizações multilaterais e o sector privado,” escreveu Edward Burrier, conselheiro sénior para os envolvimento do sector privado do Centro de África, do Instituto de Paz dos EUA. “Com efeito, estes actores todos têm um papel a desempenhar no alcance do sucesso em Moçambique.”

Desde 2017, insurgentes aliados ao grupo do Estado Islâmico devastam Cabo Delgado. Os ataques constantes causaram milhares de mortes e aproximadamente 850.000 pessoas ficaram deslocadas. Em 2021, cerca de 2.000 tropas de oito países da Comissão de Desenvolvimento da África Austral e 1.000 tropas do Ruanda foram enviadas para Moçambique e restauraram uma paz frágil. Contudo, observadores acreditam que levará anos para que o país possa recuperar-se.

“A violência em Moçambique dura algum tempo e a sua resolução precisará de anos de esforços sustentáveis de criação de paz, liderados por Moçambique e apoiados pelos parceiros internacionais,” escreveu Burrier. “Por agora, o pior da violência em Cabo Delgado diminuiu, mas o progresso da segurança deve ser apoiado por esforços amplos a curto, médio e longo prazo.”

Mocimboa da Praia, Moçambique. A região foi seriamente destruída quando foi ocupada por extremistas por aproximadamente um ano. Um esforço dos EUA está em curso para ajudar a reconstruir a região.

AFP/GETTY IMAGES



Major Winnet Zharare recebe o prêmio Activista Militar do Género do Ano das mãos do Secretário-Geral da ONU, António Guterres.

NAÇÕES UNIDAS

SOLDADO ZIMBABWIANA DE MANUTENÇÃO DA PAZ NOMEADA ACTIVISTA DO GÊNERO DO ANO

UN NEWS

Uma soldado de manutenção da paz zimbabwiana recebeu um dos principais prémios das Nações Unidas em reconhecimento do seu trabalho de promoção da igualdade de género e protecção da mulher no Sudão do Sul.

Numa cerimónia havida em Maio de 2022, a Major Winnet Zharare, do Zimbabwe, foi nomeada activista militar do género do ano. Ao longo da sua afectação, que durou 17 meses, na Missão da ONU no Sudão do Sul (UNMISS), Zharare fez advocacia para a paridade do género e a participação das mulheres dentro da sua própria categoria, entre as contrapartes militares locais e nas comunidades anfitriãs. O Secretário-Geral da ONU, António Guterres, chamou-a de “um modelo e uma precursora.”

“O seu exemplo demonstra como todos iremos ganhar com mais mulheres na mesa de tomada de decisões e com a paridade do género nas operações de paz,” disse Guterres.

Como oficial chefe de informação militar, na UNMISS em Bentiu, a oficial de campo Zharare ajudou a garantir que as patrulhas incluíssem tanto mulheres quanto homens para melhorar a protecção e criar confiança entre as comunidades anfitriãs e na missão. A sua diligência e as suas habilidades diplomáticas rapidamente ganharam a confiança de comandantes militares locais que procuravam por ela para resolver questões relacionadas com a protecção dos direitos das mulheres.



Major Winnet Zharare do Zimbabwe
UNMISS

Durante as suas patrulhas e várias iniciativas de envolvimento comunitário, Zharare encorajou homens e mulheres a trabalharem juntos na agricultura e na construção de valetas ao redor da cidade de Bentiu, para aliviar a insuficiência alimentar e prevenir outros reassentamentos.

Zharare afirmou que ser escolhida motivou-a a manter o seu percurso em direcção à igualdade de género.

Tendo crescido em Mhondoro, Zimbabwe, ela disse que os seus pais educaram os seus sete filhos sem estereótipos de género. “Os meus pais deram-nos oportunidades iguais com os meus irmãos, por isso, acredito que a igualdade de oportunidades deve ser dada quer para homens como para mulheres em todos os aspectos da vida,” disse Zharare.

De 2015 a 2019, ela trabalhou como oficial de protocolo antes de ser nomeada para servir na UNMISS como observadora militar, em Bentiu, em papéis que incluíam oficial chefe de informação, oficial de treinos e ponto focal do género. Antes de juntar-se aos soldados de manutenção da paz da ONU, a sua carreira militar começou em 2006, em Zimbabwe, como segundo-tenente e mais tarde como comandante de pelotão de infantaria, em Mutare.



Marinha do Gana Dispensa o Uso de Papel

MARINHA DO GANA

A Marinha do Gana acaba de lançar um sistema que dispensa o uso de papéis, que afirma que irá poupar dinheiro, fazer com que as funções administrativas sejam mais rápidas e descentralizar o acesso a ordens de rotina. Também irá permitir que o pessoal partilhe informação de pessoa para pessoa e entre os comandos com maior facilidade.

O sistema de gestão integrado foi divulgado no dia 1 de Julho de 2022, no Quartel-General da Marinha.

Num comunicado, a Marinha do Gana disse que esta acção fez parte da visão do Chefe do Estado-Maior da Marinha, de “reduzir a dependência excessiva em papel e práticas manuais com o objectivo principal de reduzir os custos associados com a utilização de ofícios baseados em papel e abraçar práticas tecnológicas modernas, que permitem o acesso remoto.”



Vice-Almirante Seth Amoama, Chefe do Estado-Maior da Defesa do Gana inaugura um sistema da marinha sem recurso a papel. MARINHA DO GANA

O sistema inclui uma plataforma de trabalho colaborativo, uma plataforma de partilha de dados, biblioteca electrónica, quadro de ordens de rotina, controlos de registos e acessos, plataforma de formação e eventos, entre outros recursos.

O Vice-Almirante Seth Amoama, Chefe do Estado-Maior da Defesa do Gana, apelou as outras agências de serviço a seguirem o modelo da Marinha. Argumentou que isso iria “possibilitar a harmonização integrada de dados assim como a interligação dos sistemas já existentes.”

Nigéria Compromete-se em Ajudar a Libéria a Desenvolver Capacidade Aérea

EQUIPA DA ADF

A Força Aérea da Nigéria (NAF) está preparada para ajudar a Libéria com apoio técnico, engenharia e formação, numa altura em que a Libéria procura reconstruir a sua Força Aérea.

O Marechal da Força Aérea, Oladayo Amao, Chefe de Estado-Maiorda Força Aérea da Nigéria, fez esta declaração durante a visita do Major-General liberiano, Prince Charles Johnson III, ao Quartel-General da NAF, em Abuja.

“Sempre que tiver pilotos para mais formação, fique garantido que as nossas escolas de formação estão abertas para que eles se tornem verdadeiros pilotos nos programas de formação de pilotos da Força Aérea Nigeriana,” disse Amao.

Aconselhou que as Forças Armadas da Libéria (AFL) tirem proveito das escolas técnicas e de



Vice-Marechal da Força Aérea da Nigéria, Charles Ohwo, à esquerda, saúda o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da Libéria, Major-General Prince Charles Johnson III, no Quartel-General da Força Aérea da Nigéria, em Abuja.

FORÇA AÉREA NIGERIANA

engenharia da NAF para cursos para não-pilotos, como controlo de tráfico e equipas de apoio no terreno. A Nigéria também se comprometeu a apoiar as AFL com capacidade de transporte aéreo dos seus contingentes enviados para a

Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização do Mali.

A Força Aérea da Libéria foi dissolvida em 2005 quando o país saiu da guerra civil e começou a reconstruir as suas forças armadas.

O General Lucky Irabor, Chefe do Estado-Maior da Defesa da Nigéria, destacou que o compromisso da Nigéria é que “possamos ajudar-vos a criar capacidade que é necessária para levar a cabo as responsabilidades de defesa e segurança da Libéria.”

Johnson referiu que o objectivo estratégico militar da Libéria é criar uma Ala Aérea ou uma Unidade de Reconhecimento Aéreo para as AFL, conforme prescrito na Lei de Defesa Nacional da Libéria, que ainda deverá ser actualizada.

“A nossa visita aqui é para ver como podemos consolidar as relações, como podemos tirar proveito da experiência nigeriana, como podemos solicitar mais oportunidades de formação, olhando para as ameaças contemporâneas que temos na nossa região e para estarmos preparados como uma força do bem,” disse Johnson.



União Africana Apoia a Força-Tarefa Com Doação de Equipamento

EQUIPA DA ADF

A União Africana efectuou uma doação de uma grande variedade de equipamento à Força-Tarefa Conjunta Multinacional (MNJTF) para apoiar na sua missão de restaurar a segurança na Bacia do Lago Chade.

O equipamento inclui transporte blindado para pessoal, autocarros, geradores, camiões-cisterna para o transporte de água, ferramentas de combate a engenhos explosivos improvisados e material de escritório.

A doação veio depois de uma visita, em 2021, do Comandante da MNJTF, Major-General Abdul Ibrahim, à Base

Logística da União Africana, em Douala, Camarões, onde ele identificou equipamento que seria útil para operações de combate a insurgências. O material foi entregue ao Sector 3 da força, numa cerimónia que teve lugar no dia 12 de Julho de 2022, no Acantonamento Militar de Maimalari, a nordeste da Nigéria.

Ibrahim disse que espera que o equipamento melhore a eficiência combativa e possibilite que as forças da MNJTF levem a luta para o inimigo. Os líderes da força disseram que estão prontos para o desafio.

“Compreendemos que para quem muito é dado, muito se espera,” disse o Major-General Godwin Mutkut, Comandante do Sector 3 da MNJTF. “Com esta variedade de equipamentos oferecidos ao Sector 3, não iremos vos desiludir.”

O Major-General Christopher Musa, comandante do teatro da Operação Hadin Kai, da Nigéria, disse que a oferta é a prova da vontade pan-africana de derrotar o extremismo. “Estamos a receber apoio de todos os lugares de África,” disse Musa. “Isso é apenas para falar-vos da sinergia, compreensão e cooperação que temos aqui no terreno ... queremos garantir-vos que continuamos comprometidos e continuamos concentrados e este equipamento será colocado em bom uso.”

A Operação Hadin Kai é a missão militar nigeriana para restaurar a paz na região e encorajar os membros do Boko Haram a entregarem as armas. No primeiro ano de Musa no comando da operação, 47.975 pessoas afiliadas a grupos extremistas renderam-se às tropas, afirmou o Africa Report.



Comandante da MNJTF, Major-General Abdul Ibrahim, à direita, recebe viaturas doadas pela União Africana. MNJTF



O Único Soprador de Vidro do Gana Promove Reciclagem

REUTERS

Michael Tetteh, o único soprador de vidro profissional do Gana, apertou com força os dentes enquanto segurava uma bola quente de vidro fundido, as suas mãos queimadas com bolhas encostavam contra um conjunto de jornais húmidos e fumegantes que ele utilizou para as proteger.

O homem de 44 anos de idade trabalhava no calor de fornos de sucata acesos a uma temperatura de aproximadamente 1.500 graus celsius, cheio de painéis de vidro derretidos, telas de TV e garrafas de refrescos que, em pouco tempo, ele transformaria em vasos elaborados, girando com cor psicadélica. Algumas transformavam-se em vasos vermelhos com faixas pretas, outras em jarros verdes e algumas garrafas claras para o uso normal.

O uso rigoroso de material reciclado, por Tetteh, que ele recolhe de ferros-velhos e aterros

da capital, Acra, faz parte da sua missão de reduzir os resíduos e a importação de vidro do Gana. Ele tem a visão de um Gana livre de vidros estrangeiros, tendo transformado a sua tradição de fabrico de colares de vidro para ser uma indústria moderna e multifacetada.

O Gana importa cerca de 300 milhões de dólares em produtos de vidro e cerâmica anualmente. Embora algumas empresas privadas reciclem o seu vidro, Tetteh afirmou que a maior parte dos resíduos de vidro do Gana acaba em aterros ou espalhado pelas ruas do país, representando um perigo para a segurança.

Tetteh descobriu o sopro de vidro em 2012 depois de passar vários meses na França e na Holanda a aprender a arte com outros fazedores de pulseiras ganenses.

Ele era o único com o seu desejo de continuar depois de regressar

Soprador de vidro ganense, Michael Tetteh, à direita, e um trabalhador moldam vidro fundido na oficina de Tetteh, em Odumase-Krobo. REUTERS

a casa e criou uma meta de abrir uma loja quente adequada em Odumase-Krobo. Sem se deixar intimidar pela sua falta de dinheiro, construiu fornos a partir de metal da sucata e barro, utilizando alguns tutoriais da internet. Ele aperfeiçoou as suas habilidades, assistindo vídeos do YouTube de artistas famosos que trabalham com o vidro, como Dale Chihuly dos Estados Unidos.

Desde essa altura, contratou vários assistentes jovens de Odumase-Krobo, que ele está a treinar e espera que um dia venham a ter as suas próprias oficinas. O trabalho deles pode ser encontrado em boutiques em Gana e Costa do Marfim e já apareceu em Galerias de Arte europeias e americanas.

Inventor Tunisino Obtém Água a Partir do Ar Rarefeito

REUTERS

O inventor Iheb Triki procurava por formas de aliviar o problema de escassez de água na Tunísia, quando teve a ideia de replicar o fenómeno do nevoeiro matinal.

Triki é co-fundador da Kumulus, uma empresa que espera produzir a sua máquina que retira humidade do ar seco do deserto.

“Então, o que acontece?” Triki perguntou enquanto demonstrava como a sua máquina funciona. “Vemos que o ar entra por aqui e passa através do primeiro filtro de ar para limpá-lo, removendo os poluentes; depois vai para a máquina para arrefecer a água para que possamos replicar o nevoeiro.”

A primeira máquina, Kumulus-1, foi montada numa escola primária, na cidade remota de El Bayadha, próximo da fronteira argelina, que enfrenta problemas de acesso fiável à água potável.

A máquina foi montada naquela escola em Junho de 2022, mas nessa altura ainda aguardava pela aprovação do governo para colocá-la em serviço.

Orange, uma empresa de telecomunicações, cobriu os custos da montagem da primeira máquina na escola de El Bayadha.

Triki espera que a startup venha a desenvolver e fornecer, não apenas a Tunísia, mas também a região mais ampla, soluções para produzir água potável em tempos de escassez.

De acordo com a página da internet da empresa, a máquina Kumulus-1, que é chamada de gerador de água atmosférica, é capaz de produzir entre 20 e 30 litros de água potável por dia.

De acordo com dados do Banco Mundial, 21% dos tunisinos não tinham acesso à água potável, gerida com segurança, em 2020.



Iheb Triki, co-fundador da startup Kumulus, trabalha na sua máquina, na sede da empresa, em Túnis, Tunísia. REUTERS



Na Líbia Assolada Pela Guerra, Artesãos Restauram Antigos Alcorões

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE

Na Líbia, pode ser difícil encontrar Alcorões novos, especialmente durante o Ramadão. Voluntários estão a trabalhar para restaurar antigas cópias do livro santo do islamismo.

Khaled al-Drebi, um dos mais conhecidos restauradores de Alcorões da Líbia, encontra-se entre os artesãos que trabalham numa loja de Trípoli para satisfazer as necessidades do fluxo de clientes durante o Ramadão. Para os muçulmanos, o Ramadão é um mês de espiritualidade, em que o jejum diário, desde a manhã até ao fim do dia, é acompanhado por oração e actos de caridade — muitas vezes, traduzindo-se num aumento na venda do Alcorão.

“A compra de Alcorões novos tradicionalmente aumenta antes do mês de Ramadão, mas isso recentemente mudou na Líbia,” disse Drebi. Para muitos, a tradição foi interrompida por um aumento no custo de Alcorões, especialmente desde que o Estado parou de imprimi-los na Líbia, disse.

O país da África do Norte resistiu mais do que uma década de conflito, deixando muitas das suas instituições em desordem e a lidar com um grande golpe para um país com uma economia rica em petróleo.

Comparado ao custo de um novo Alcorão — em mais de 20 dólares, dependendo da capa — a oficina de Drebi cobra somente alguns dólares para restaurar um. Mas o custo não é o único factor. Para muitos, as cópias mais antigas também têm um valor sentimental.

“Existe uma ligação espiritual para alguns clientes,” disse Drebi, acrescentando que muitos escolhem preservar Alcorões dados pelos seus familiares. “Alguns dizem que este Alcorão tem o cheiro do meu avô ou meus pais.”

Na parte de trás da sala, Abdel Razzaq al-Aroussi selecciona através de milhares de alcorões com base no seu nível de deterioração. “A restauração de Alcorões com danos limitados leva menos de uma hora, mas aqueles que estão muito estragados podem precisar de duas horas ou mais,” disse Aroussi.

Os restauradores afirmam que repararam o surpreendente número de 500.000 Alcorões desde que a oficina abriu em 2008 e mais de 1.500 formandos graduaram de 150 oficinas de restauração.

Restaurador líbio, Khaled al-Drebi, monta páginas para serem coladas num volume de Alcorão, em Trípoli, Líbia.

AFP/GETTY IMAGES

QUÊNIA FAZ PARCERIA COM OS EUA PARA REFORÇO ECONÓMICO

REUTERS

Os Estados Unidos e o Quênia lançaram uma parceria estratégica de comércio e investimento para levarem a cabo os seus compromissos de reforçar o crescimento económico, apoiar a integração económica regional africana e aprofundar a cooperação comercial.

Os governos dos EUA e do Quênia anunciaram a parceria no dia 14 de Julho de 2022, afirmando que desenvolveriam um roteiro para o envolvimento em áreas que incluem a segurança agrícola e padrões de comércio digital, práticas regulamentares e procedimentos alfandegários.

O Quênia há muito procura um acordo de comércio livre total com os EUA e as negociações para que tal acordo baixe as tarifas bilaterais foram iniciadas em 2020. Aquele país goza de acesso substancial livre de tarifas para o mercado dos EUA, através da Lei de Crescimento e Oportunidades de África (AGOA), um programa de preferência de comércio para os países da África subsariana, mas o mesmo expira em Setembro de 2025.

O Quênia exportou bens avaliados em 685 milhões de dólares para os EUA em 2021, dos quais 75% entraram livres de tarifas de acordo com a AGOA. Os bens eram maioritariamente vestuário, castanhas de macadâmia, café, chá e minério de titânio. Os EUA exportaram 561,6 milhões de dólares em bens para o Quênia, em 2021, com artesanato, plásticos, maquinaria e trigo entre as maiores categorias.

O diálogo do Quênia irá incluir esforços para desenvolver microempresas, pequenas e médias empresas e



Agricultores quenianos colhem folhas de chá. Quênia anualmente vende cerca de 26 milhões de dólares em chá aos EUA.

Topo: Sacos de café são guardados num armazém, nos arredores de Nairobi. O país vendeu cerca de 46 milhões de dólares em café aos EUA, em 2021.

debates sobre a aplicação das leis de trabalho e promoção dos direitos dos trabalhadores.

A Representante do Comércio dos EUA, Katherine Tai, que fez o lançamento da parceria com a Secretária do Estado do Quênia, Betty Maina, disse num comunicado que ela quer que a parceria “faça crescer as nossas relações de comércio e investimento de uma forma que promova a resiliência e facilite o crescimento económico sustentável e inclusivo. Também esperamos que esta iniciativa possa servir como um modelo para os empenhamentos de políticas de comércio em África, uma das regiões mais dinâmicas e de rápido crescimento do mundo.”



AFP/GETTY IMAGES

Carrinhas Minibus Serão ‘Fabricadas na Costa do Marfim’

REUTERS

Um grupo internacional inaugurou uma unidade de montagem de autocarros, avaliada em 73 milhões de dólares, em Abidjan, Costa do Marfim, numa altura em que aposta em produção local para os mercados costa-marfinense e regional.

A unidade de montagem lançada pelo fabricante de automóveis Iveco Group irá produzir carrinhas minibus “fabricadas na Costa do Marfim,” em conjunto com o seu parceiro de longa data, o Societé des Transports Abidjanais. Esta última empresa foi criada em 1960 e agora é detida em 60% pelo governo e 40% pela subsidiária IVECO Bus.

A linha de montagem localiza-se na parte sul da capital económica costa-marfinense. A sua capacidade de produção é de 1.000 autocarros de 18 a 26 lugares por ano. Possui a capacidade de produzir diferentes tipos de viaturas — autocarros, ambulâncias, veículos de transportes de tropas para forças de segurança, camiões de construção — comercializados sob a marca Daily Ivoire.

As instalações irão possibilitar que a Costa do Marfim produza para o seu mercado doméstico, onde a demanda por veículos automóveis dos revendedores aumentou em 17% em 2021, em comparação com o ano anterior, mas também, a longo prazo, para exportar para o resto da África Ocidental.

Por agora, os promotores do projecto afirmam que o seu livro de encomendas está completo até 2024, graças exclusivamente ao mercado costa-marfinense. A Iveco Bus já tem planos para montar operações em dois dos países vizinhos da Costa do Marfim.

A Iveco está em vantagem em relação a vários outros fabricantes que também já anunciaram que iriam criar linhas de montagem de veículos automóveis naquele país. Em 2019, a Toyota assinou um acordo com o governo costa-marfinense para abrir uma unidade de montagem de viaturas comerciais, um projecto que ainda está em negociações.

Em Agosto de 2021, o grupo japonês abriu uma unidade de montagem com uma capacidade de produção de 1.330 camionetas no vizinho Gana.

Tanzânia Poderá Aumentar a Quota do Mercado de Níquel

EQUIPA DA ADF

A invasão da Rússia à Ucrânia fez com que o preço do níquel da Rússia disparasse, e a Tanzânia está a posicionar-se para satisfazer a demanda do mercado mundial e expandir a sua quota do mercado de níquel.

Mesmo antes da invasão, a Tanzânia pretendia aumentar a sua mineração de níquel. Em Janeiro de 2022, a companhia mineira australiana, BHP Group, anunciou que tinha investido 40 milhões de dólares num projecto tanzaniano de níquel, marcando o primeiro novo investimento feito pela empresa depois de anos.

A empresa privada sediada no Reino Unido, Kabanga Nickel, será responsável pelo projecto e espera iniciar a produção em 2025. A operação visa alcançar uma produção mínima anual de 40.000 toneladas métricas de níquel, 6.000 toneladas métricas de cobre e 3.000 toneladas métricas de cobalto, de acordo com o The Africa Report.

Kabanga detém 84% do projecto, e o governo da Tanzânia detém o resto.

Este não é o único projecto de níquel que está a funcionar na Tanzânia. Em Junho de 2022, uma outra empresa australiana, Resource Mining Corp, anunciou planos para iniciar programas de perfuração, no seu projecto de níquel-cobalto, no distrito de Mpanda, da Tanzânia, de acordo com o serviço de notícias empresariais, Small Caps, da Austrália.

A necessidade de mais níquel é alimentada pela transição gradual da indústria automobilística global para veículos eléctricos. O níquel de classe 1, a forma mais pura, é encontrado no projecto de Kabanga, no nordeste da Tanzânia, e é utilizado nas baterias de ião de lítio necessárias para carros eléctricos.

As autoridades de Kabanga afirmam que esperam que os produtores de automóveis adquiriram mais de metade do níquel produzido naquele local.

O The Africa Report observou que o cronograma do projecto de Kabanga prevê um mínimo anual de níquel equivalente à produção de 65.000 toneladas métricas, com a mina tendo uma vida útil de pelo menos 30 anos.

Analistas afirmam que a Rússia representou cerca de 15% da produção de níquel de classe 1 a nível mundial, em 2021. A invasão da Ucrânia desencadeou um choque de preços, tendo em certo ponto duplicado o preço para o seu recorde mais alto. Os preços baixaram um pouco desde essa altura.



A PEREGRINAÇÃO DE MANSA MUSA

EQUIPA DA ADF

O Hajj, a peregrinação anual islâmica para Meca, na Arábia Saudita, remonta ao Séc. VII, o tempo do profeta Maomé. Mas os muçulmanos acreditam que a peregrinação remonta a milhares de anos antes, no tempo de Abraão.

Todos os muçulmanos, de corpo saudável, devem fazer a viagem pelo menos uma vez durante o seu tempo de vida, desde que sejam financeiramente capazes e possam continuar a suprir para as suas famílias durante a sua ausência. Considerações financeiras não eram um problema para o governante do Império do Mali, Mansa Musa, em 1324, quando ele viajou para Meca de um modo fantástico, trazendo consigo 60.000 súbditos e 12.000 escravos, 500 dos quais transportavam cerca de 3 kg de ouro cada.

A caravana também incluía 80 a 100 camelos, cada um deles transportando 136 kg de ouro. O Mansa (imperador) oferecia ouro onde quer que fosse.

A viagem de ida e volta cobriu mais de 6.000 quilómetros e durou cerca de dois anos.

O povo Mandinka, da África Ocidental, fundou o Império do Mali, na África Ocidental, entre os rios Níger e Senegal. O Império durou de 1235 a 1670. No seu apogeu, incluiu o que actualmente são partes de ou todo Burkina Faso, Chade, Gâmbia, Guiné, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria e Senegal. Cobria 24.000 quilómetros quadrados e foi um dos impérios mais extensos do mundo, conhecido pela fabulosa riqueza dos seus governantes.

A dada altura, o Império do

Mali teve uma população de 40 a 50 milhões de habitantes.

O primeiro governante do império foi Sundiata Keita, um príncipe exilado conhecido como o “leão faminto.” Ele fez de Niani a sua capital, no Rio Sankarani, um lugar rico em ouro e ferro. Isso deu-lhe uma vantagem militar — dinheiro e meios para fabricar armas — mas também teve sorte quando a região experimentou muitos anos de tempo seco. Isso reduziu a presença de mosca tsé-tsé, que propaga doenças mortais para cavalos e outros animais. Sem as moscas, criadores de cavalo, comerciantes e cavalaria espalharam-se pela região.

Musa tornou-se governante do Império do Mali, em 1312, assumindo o trono depois do seu predecessor Abu-Bakr II desaparecer durante uma viagem para encontrar o limite do Oceano Atlântico.

Musa recorreu aos recursos naturais da região, artesãos habilidosos, temperatura favorável e poderio militar para fazer com que o seu império fosse imensamente rico, talvez o lugar mais rico da face da terra na altura. Em contraste, as zonas do oeste sofriam com guerras civis e tempos económicos difíceis.

A sua peregrinação através do Egipto mudou a sua economia, não para o melhor. Em cada passo, Musa gastava luxuosamente e distribuía ouro. As suas ofertas depreciaram o valor do ouro no Egipto em cerca de 25%, causando abrandamento económico.

Durante a peregrinação, Musa adquiriu o território de Gao, dentro do Reino de Songhai, naquele que

actualmente é o Mali. Era de grande importância para o rei. No seu regresso da sua peregrinação, desviou para o sul de Gao, onde eventualmente construiria mesquitas e edifícios públicos.

Musa também centrou as suas energias em Tombuctu, construindo-a para transformá-la num grande centro universitário islâmico. Ele recrutou arquitectos e estudiosos de todo o mundo para Tombuctu, onde mandou construir a Mesquita Djinguereber. Em mais de 500 anos desde então, a mesquita tem sido um dos marcos mais celebrados de África.

Acredita-se que ele tenha morrido entre 1332 e 1337, mas estórias de sua riqueza e sua marcante peregrinação permanecem vivas.

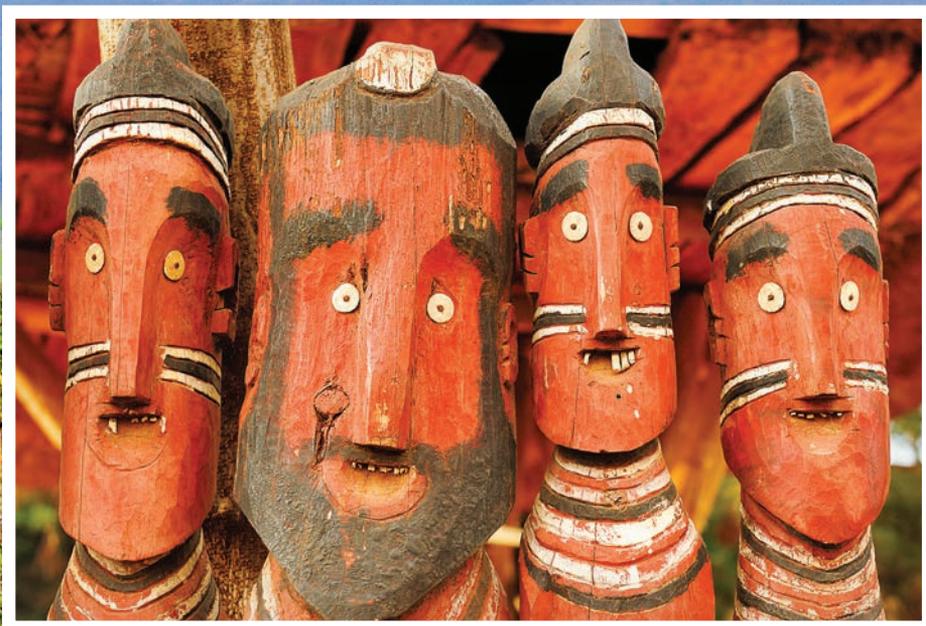
“Pense em tanto ouro quanto puder imaginar que um ser humano pudesse ter e duplique-o, era isso o que esta história procurava comunicar,” Rudolph Ware, um historiador da África Ocidental, disse à revista Times. “Este é o homem mais rico que alguém algum dia já viu.”

Mansa Musa é representado no Atlas Catalão de 1375, um recurso vital para os navegadores da Europa Medieval.



DICAS

- 1 Cidades e povoados entre muralhas, conhecidos como paletas, foram construídos em planaltos ou montes para fornecer vantagem estratégica ou defensiva.
- 2 Os terraços de pedra seca impedem a erosão do solo, recolhem água e criam terras em socalcos usados para a agricultura.
- 3 Os espaços em cidades entre muralhas, chamados moras, servem de lugares de encontro cultural e cerimonial.
- 4 Cidades no local de 230 quilómetros quadrados possuem estátuas de madeira e representam membros respeitados da comunidade e eventos heróicos.



PARTILHE O SEU CONHECIMENTO

Deseja ser publicado?

A Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas de segurança em África.

A revista é publicada trimestralmente pelo Comando Africano dos Estados Unidos e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, estabilidade, boa governação e prosperidade.

O fórum permite que haja um debate aprofundado e intercâmbio de ideias. Gostaríamos de ouvir a opinião de pessoas das nossas nações parceiras africanas que compreendem os interesses e os desafios do continente. Submeta um artigo para publicação na ADF e deixe a sua opinião ser ouvida.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS NA ADF

REQUISITOS EDITORIAIS

- A preferência é para artigos com aproximadamente 1.500 palavras.
- Os artigos podem ser editados para se ajustarem ao estilo e espaçamento, mas a ADF irá colaborar com o autor quanto às alterações finais.
- Inclua uma pequena biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua de alta resolução e imagens relacionadas ao seu artigo com legendas e informações sobre os créditos da foto.

DIREITOS Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar artigos para que estejam em conformidade com os padrões do AP e do espaço. A apresentação do artigo não garante a sua publicação. Ao contribuir para a ADF, o autor concorda com estes termos.

SUBMISSÕES

Envie todas as ideias de reportagens, conteúdos e dúvidas para a Equipa Editorial da ADF através do ADF.EDITOR@ADF-Magazine.com. Ou envie a sua correspondência para um dos seguintes endereços:



Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Unit 29951
APO AE 09751 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/Africa Defense Forum Staff
Kelley Kaserne
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart Germany



Está ansioso pela próxima edição?

Em ADF-Magazine.com, trazemos para si uma cobertura aprofundada de questões da actualidade que afectam a paz e a estabilidade todas as semanas. Confira a nossa página da internet e tenha as mesmas notícias fiáveis e credíveis sobre segurança, trazidas semanalmente, cobrindo todo o continente.



FIQUE LIGADO

Caso queira ficar ligado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter e Instagram ou pode juntar-se à nossa lista de e-mails, inscrevendo-se na nossa página da Internet, ADF-Magazine.com, ou enviando um email para News@ADF-Magazine.com.